

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

WASHINGTON LOYELLO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Movimento da reforma psiquiátrica no Brasil: história e memória

Entrevistado - Washington Loyello (WL)

Entrevistadoras - Laurinda Rosa Maciel (LM) e Anna Beatriz de Sá Almeida (AB)

Data - 01/02/2001 e 14/02/2001

Local - Rio de Janeiro/RJ

Duração – 4h19min

Responsável pelo sumário - Angélica Estanek Lourenço

Responsável pela transcrição - Angélica Estanek Lourenço

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

LOYELLO, Washington. *Washington Loyello. Entrevista de história oral concedida ao projeto Movimento da reforma psiquiátrica no Brasil: história e memória*, 2001. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 78p.

Resenha biográfica

Washington Loyello, nasceu em 23 de maio de 1930, na cidade de Taubaté, em São Paulo. O início de sua formação foi no Grupo Escolar Cruzeiro, um colégio particular pois era desejo de seu pai que ele não se formasse professor, única qualificação dada no colégio público da região. Aos 16 anos saiu de São Paulo com o intuito de estudar no Rio de Janeiro determinado a cursar medicina. Ingressou na Universidade do Brasil e concluiu a graduação em 1954.

Devido a problemas financeiros de sua família, que o obrigariam a deixar a faculdade, no segundo ano, começou trabalhar como plantonista em hospital psiquiátrico, o que o possibilitou continuar os estudos por conta própria. Foi neste momento o primeiro contato com a doença mental, e apesar de ter grande interesse pela cirurgia, decidiu seguir carreira na área de Psiquiatria.

Após concluir sua formação no Rio de Janeiro, voltou para São Paulo e assumiu a direção de um posto de saúde, mas por motivos políticos, foi obrigado a fugir para o Uruguai diante da ameaça de prisão em 1956.

Ao retornar ao Brasil, foi trabalhar na Casa de Saúde Santa Helena, onde uma das pacientes foi responsável por sua indicação para atuar no Serviço Nacional de Doenças Mentais. Foi nomeado para trabalhar no Centro Psiquiátrico Pedro II e conseguiu montar um laboratório com o intuito de produzir os remédios usados naquele hospital. No entanto, logo após sua inauguração, o laboratório foi fechado. Transferiu-se para a Colônia Juliano Moreira.

Após sua aposentadoria prestou concurso para livre docente de Psiquiatria na UERJ, em 1970. Neste mesmo ano defendeu sua tese de doutorado na UFRJ, intitulada "O Problema da Identidade Médica". Em 1977 foi nomeado Professor Titular de Psicologia Médica substituindo o Professor Leme Lopes. Atualmente atende em seu consultório particular no centro do Rio de Janeiro.

Sumário

Fita 1 – Lado A

Sua infância na cidade de Cruzeiro, São Paulo; origem e atividades dos pais. O início de sua formação no Grupo Escolar Cruzeiro. A vinda para o Rio de Janeiro aos 16 anos para completar os estudos no Colégio Universitário e o firme propósito de cursar Medicina; seu ingresso neste estabelecimento de ensino; lembranças de professores e colegas de classe. O ingresso na Faculdade de Medicina em 1940.

Fita 1 – Lado B

Lembranças do período da faculdade de colegas e professores. Primeiras atividades profissionais como plantonista, em 1941 num hospital psiquiátrico e as dificuldades financeiras de sua família; a influência deste período para a escolha da psiquiatria e não mais a cirurgia, seu interesse inicial. A formatura dos alunos internos do Hospício de Pedro II em que foi orador da turma, em 1946. O retorno à cidade de Cruzeiro para assumir o posto de saúde e a prisão por motivos políticos.

Fita 2 – Lado A

O retorno ao Brasil, após a fuga para o Uruguai; seu trabalho Casa de Saúde Santa Helena, em Botafogo, no Rio de Janeiro. As circunstâncias de sua designação para o Serviço Nacional de Doenças Mentais; sua nomeação para o Centro Psiquiátrico Pedro II (CPP II), no Engenho de Dentro. Relato sobre o concurso e sua não efetivação por necessidade de apresentação de um atestado ideológico. Comentários acerca da situação dos pacientes e do CPP II e seu trabalho como Diretor. A criação no CPP II de um laboratório para fabricação de remédios próprios.

Fita 2 – Lado B

Sua transferência para o pavilhão de doentes crônicos, na Colônia Juliano Moreira. O retorno ao CPP II como assessor técnico. A residência médica oferecida naquela instituição; mudanças no atendimento ao paciente, a formação de uma equipe de profissionais de diferentes áreas como: psiquiatras, enfermeiros e assistentes sociais. O concurso para livre docência em psiquiatria na UERJ. Comentários sobre o início do movimento da reforma psiquiátrica, no CPP II, as mudanças nas teorias sobre a doença mental.

Fita 3 – Lado A

Continuação dos comentários sobre as diferentes teorias usadas na psiquiatria para compreender a doença mental. As dificuldades encontradas para sua inscrição no concurso para livre docente na UERJ.

Fita 3 – Lado B

Comentários sobre os cursos de Higiene Mental e Psiquiatria Clínica, do Departamento Nacional de Saúde, com professores como Odilon Galote, Aduino Botelho e Cincinato Magalhães. As práticas médicas como climaterapia, hidroterapia e insulino-terapia. A criação das equipes de profissionais no tratamento ao doente que substituiu o trabalho de um único profissional. O curso de neurologia clínica sob a supervisão do prof. Costa Rodrigues, na França, e o curso ‘Temas de Psiquiatria Social’, com prof. Maurício de Medeiros.

Fita 4 – Lado A

Relato sobre o trabalho de Aldir Blanc e Oswaldo nos ambulatórios do CPP II. As experiências de ensino; o início da carreira docente nos plantões do CPP II. A realização anual dos Cursos de Higiene Mental e Psiquiatria Clínica. A implantação da Residência Multidisciplinar, no CPP II, em 1964. O concurso de livre docente na UERJ; a reestruturação do curso. A pesquisa “Doença mental e clínica psiquiátrica” realizada na UERJ, com apoio do CNPq. A pesquisa realizada sobre lobotomia no Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro.

Fita 4 – Lado B

Os cursos de pós-graduação realizados na UERJ, aulas práticas e teóricas. Relato sobre sua participação em congressos. Comentários sobre o movimento da reforma psiquiátrica e a extinção dos manicômios. O I Congresso Internacional Psiquiatria, em Paris, em 1951. O Congresso de Psiquiatria no México em 1971 e sua participação em associações brasileiras de psiquiatria. Sobre a ‘indústria’ da loucura. Breve explanação sobre o uso do eletrochoque e da farmacoterapia.

Fita 5 – Lado A

As possibilidades de assistência alternativa para tratamento dos doentes mentais. Discussão sobre o genoma humano e a descoberta da hereditariedade das doenças. Não há gravação no Lado B.

Data: 01/02/2001

Fita 1 - Lado A

AB - Projeto "Memórias da Psiquiatria no Brasil - um projeto de história oral"¹, entrevista com Dr. Washington Loyello, dia 1º de fevereiro de 2001 entrevistado por Laurinda Rosa Maciel e Anna Beatriz Almeida, fita 1. Então Dr. Washington como a gente conversou num bate-papo.

WL - Um bate papo, claro.

AB - Então a gente vai querer entrar um pouquinho na história da sua vida. Então a gente vai começar lá do comecinho o mesmo, queria que o senhor falasse da sua origem familiar... dos seus pais... o senhor é nascido em São Paulo e não em Taubaté.

WL - Nascido em São Paulo. Taubaté, minha filha, começa a história e eu que nasci em Cruzeiro na divisa com Minas Gerais, daí que eles me dizem que eu sou um pouco o mineiro e não sei se é verdade, mas aí, é como diz o Fernando Henrique [Cardoso]: “Eu tenho um pé na África”, e eu tenho um pé em Minas.

LM - Na África? (Risos)

AB – É o Fernando Henrique.

WL – Mas...

LM - Acredita quem quer.

WL – Não, ele é meio mulatado sim (risos), ele tem um quê de africano. Mas aí eu nasci com problema de vista o que não era nada de maior, tanto que eu passei a vida inteira uma boa parte da vida com as vistas perfeitas mas, na cidade com o Cruzeiro naquela ocasião em [19]22 não tinha recursos aí meu avô que morava em Taubaté me levou para lá, meu avô italiano me levou para lá e lá eu fiquei um bom tempo quando então ele fez o meu registro e aí eu saí taubatiano, mas agora a alguns anos atrás Cruzeiro não quis perder a minha cidadania e me ofereceu na Câmara dos vereadores o título de cidadão honorário de Cruzeiro. Sou também cruzeirense então nasci, agora a minha família inicialmente era uma família de classe média baixa papai era um contador eu não sei se vocês sabem o que é isso é o sujeito hoje se chama o sujeito que estuda ciências...

LM – Contábeis, atuariais.

WL - Contábeis, ciências contábeis. E evidentemente ele teve oito filhos: oito filhos, cinco mulheres e três homens, você há de convir, minha mãe e era uma pessoa que não tinha nem

¹ Esta foi a primeira designação que o projeto tinha; com o passar do tempo as pesquisadoras perceberam que a atual seria mais interessante.

o secundário, mas é uma pessoa muito inteligente e muito esforçada; essa era uma pessoa decidida diante da vida então uma mulher assim heroína.

LM - A dona Stefania é que tinha raízes italianas? É isso?

WL - Não Loyello, Francisco Loyello.

LM – Loyello, Francisco Loyello.

WL - Mamãe tinha raízes... era uma grande confusão! Portuguesas e espanholas; ela era De Toledo.

LM – Ah! De Toledo.

WL - Ela tinha até um pouco assim vamos dizer família nobre De Toledo, ela era Pereira De Toledo. Pereira é judeu de Portugal, aqueles sujeitos que fizeram a sua conversão e De Toledo era espanhol, a família de mamãe vem desses dois traços: papai, papai italiano puro veio lá da Calábria que era o pessoal de testa dura que tinha uma vida muito difícil na Itália e que então emigrou para cá o norte da Itália emigra, mas a Itália é muito bom, é nessa família que eu fui criado com todas as dificuldades do ponto de vista assim material mas... como todas... saúde do ponto de vista, assim vamos dizer, afetivo.

AB - Vocês ficaram morando em Taubaté?

WL - Não, em Cruzeiro.

AB - Voltaram para...

WL – Não, voltaram não, eu só que fui.

AB - Só o senhor que tinha ido então.

LM - Por conta do problema de vista.

AB – Então, a infância foi em Cruzeiro.

WL – Cruzeiro, passei em Cruzeiro toda a minha infância em situação minha filha, muito boa assim do ponto de vista familiar a família muito unida, muito boa é claro que a família italiana vocês sabem como é que é, gesto, gesticulando falando brigando cozinhando mas nos amando profundamente e então mamãe trabalhando bravamente, fazia tudo, nunca teve empregada imagine ? como era pai o homem sério do ponto de vista de quem levava o único dinheiro para a mas ele não assumia nada, assim, na nossa educação ela que era quem comandava tudo pegava o chinelo e saía correndo aquela coisa bastante sadia do ponto de vista de uma família, mas pobre. Eu lembro que mamãe, às vezes, acordava eu acordava de madrugada, duas horas da manhã e ela estava batendo no, na máquina, costurando para fora,

costurava e para nós também ela pegava os panos que sobravam e fazia a frente de uma camisa e as costas de outra, que hoje é até meio moda, mas na época não era não.

LM, AB – Na época era necessidade mesmo (risos).

WL – Era necessidade mesmo, então, nós assim fomos, mas o papai foi progressivamente, com uma visão bastante econômica ele conseguiu a angariar algum dinheirinho e comprou casa própria até comprou algumas casas para aluguel e conseguiu com isso vamos dizer dar a nós todos eu fui educado e estudei num colégio no primário. Não, no primário nós fizemos no grupo escolar do estado.

LM - Grupo Escolar Cruzeiro, né?

WL - O Grupo Escolar Cruzeiro que era um grupo escolar muito bom, muito bom. O ensino primário na época era muito bom era a mesma não é essa coisa hoje que aprova todo mundo, não reprova ninguém, e ainda tinha aquela situação da professora, aquele prestígio é extraordinário na cidade; a dona Hilda que foi minha professora era muito prestigiada. Hoje não, está tudo avacalhado, uma coisa terrível, um abrutamento total das profissões mais importantes socialmente falando que é o médico e o professor, horrível. Mas então dizia para vocês, assim foi a minha existência lá, e nós tínhamos uma vida assim muito vamos dizer como certa dificuldade vamos dizer de gastos maiores, para ir ao cinema gente ganhava uns réisinhos que a gente ganhava para ir no cinema com o fim de semana quer dizer essas coisas, ou então eu vendia banana na rua para ganhar um dinheirinho e ir ao cinema, uma vida assim bastante cheia de esforço, que não me lamento não pelo contrário acredito muito proveitosa. Quando eu cheguei ao final do curso de ginásio que é o ginásio pago, nós pagávamos. Mamãe e papai pagavam prá nós porque ele não queria, já tinha esse negócio professora. As meninas de casa foram ser professoras ali porque tinham colégio, a escola de professora, mas não tinha. Veja bem, um ginásio estadual a não ser que você quiser ser professor então tinha um ginásio particular, que era, por sinal, um ginásio muito bom; um ginásio de um homem que fazia aquela... tinha a Escola Ativa do Lourenço Filho, Escola Ativa do Lourenço Filho, até o nome muito importante dentro da educação brasileira que ele achava que a escola devia reproduzir a vida. Então, não tinha banco na escola, tinha tudo que a sociedade tem escola tinha e nós entramos naquele jogo de socialização vamos dizer através da escola muito interessante a visão do...

LM - Lourenço Filho.

WL - Lourenço Filho e era um homem o nosso diretor era um sujeito amigo dele Álvaro Montinho.

AB – Álvaro?

WL - Montinho ?? que teve um colégio depois aqui na Ilha do Governador e que foi acusado; ele era um homem sério de princípios e tal, foi acusado de ter, vamos dizer, feito assédio sexual a uma das mocinhas lá, eu não sei até que ponto aquilo é verdade. Então, a questão da mocinha... me parece que ele não era dessas coisas. Me parece. Não vou entrar no mérito

porque não posso afirmar nem que sim, nem que não. Mas eu acredito que não, dada a estrutura mental dele e os valores morais que ele tentou tanto impingir na gente; então quando acabou aquilo eu fui até o orador da turma lá.

AB - Lá o senhor fez ginásio e fez científico?

WL - Não, ginásio só.

AB - Só o ginásio.

WL - 16 anos eu terminei o ginásio, 16 anos eu terminei o ginásio eu tive a satisfação de ser o orador eu tinha um terno só: o terno da formatura. Um terno preto de formatura e quando acabou ginásio eu peguei um trem lá em Cruzeiro, sozinho com 16 anos, sem conhecer ninguém aqui no Rio de Janeiro, sem um conhecimento sequer, nem uma carta de apresentação e vim bater aqui na estação da Central do Brasil para mim que não era tão perigosa nada disso e o primeiro hotel que eu vi ali eu entrei, entrei comecei então a procurar uma pensão para morar eu já tinha informação de que as pensões eram no Catete os estudantes na época moravam no Catete cuja pensão estava assim por volta de 180, 170 reais e o papai mandava para mim e 200 reais², 200 réis não sei quanto é que “para que que eu quero 200?” e eu gastava 170.

AB - ...era um dinheiro qualquer né Dr. Loyello.

WL - ...nós passamos por tantos cruzados. Não sei mais, não sei mais.

AB - É, não dá pra saber.

WL - Mas era um mil réis qualquer destes e lá então nós, eu fui lá para o Catete arranjei uma pensão.

AB - Mas me fale um pouquinho, o que moveu o senhor a vir assim? Não tinha nenhum espaço para fazer o científico lá? O senhor queria uma formação? O senhor já tinha alguma perspectiva?

WL - Não tinha, não tinha.

AB - O senhor já conhecia?

WL - Eu queria ser médico.

LM - O senhor já sabia que queria ser médico.

WL - Eu queria ser médico, eu queria ser médico de qualquer jeito. Eu só falava nisso então e como você compreende lá a coisa era muito limitada, as meninas todas professoras todas

² Aqui o depoente fala em Reais como moeda da época, mas houve uma confusão com Réis.

eram cinco professoras, os rapazes um dos meus irmãos fez o ginásio lá e lá o ginásio era cinco anos então depois é que tinha o pré como é chamado, e os dois outros um menor e o outro muito mais velho do que eu um foi para São Paulo e conseguiu ser lá Agrimensor.

LM – Agrimensor.

WL - Agrimensor e que ? hoje está lá razoavelmente na vida morando em ? as meninas professoras uma delas logo que foi para Brasília ? que fez Pedagogia, cresceu um pouco mais, foi professora de ensino médio mas que ficaram pelo menos com uma formação muito bom na época era muito e eu vim para cá sozinho ? cheguei aqui fui me matricular num colégio universitário que não pagava um colégio universitário é o colégio e cuja história é muito pequena muito curta e infelizmente curto lamentavelmente o que foi o colégio que de Getúlio Vargas deu, deu não.

LM – Criou.

WL - Criou para um dos seus grandes amigos Louzada que vieram do estado do Rio Grande do Sul e o Louzada criou um colégio de alto nível basta dizer a você que cada aluno tinha seu microscópio cada aluno tinha o seu microscópio no laboratório, cada aluno tinha uma bateria sais tal que ele entrava ali era de e naquela época a gente tinha que saber fazer identificar pegar a substância qualquer e dizer que isso a gente tinha que identificar ? então era nós tínhamos que ter um aparato para esse sistema de ? na época existia não era só biologia, nós estudávamos mas zoologia botânica e mineralogia.

AB - Era o que eles chamavam de história natural.

WL - História natural mais eram separadas as...

AB - Separadas, quer dizer que o colégio era muito bem estruturado.

WL – É! Uma maravilha.

LM - Ficava onde?

WL – Ficava, ele ficava onde é hoje o Instituto de Cegos³.

LM – Na Urca.

WL - Na Praia Vermelha.

LM - No Benjamin Constant.

WL – Pasteur, Em frente ao Fluminense Iate Clube colégio universitário

³ O depoente se refere ao Instituto Benjamin Constant, de educação de surdos mudos.

LM - Funcionou durante quanto tempo Dr. Washington?

WL - Ele funcionou no máximo quatro anos.

LM - É mesmo?

WL - Foi um horror!

LM – Nunca soube que ali funcionou uma escola antes do Instituto...

WL - Para um sujeito que fosse ali que passasse ali não tinha problema ele entrava era uma universidade, na época em que eu fiz medicina aqui tinha só a nacional e tinha a ? que é a Unirio hoje naquela rua.

LM - Ali no centro.

WL - Frei Caneca, como é que chamava aquela rua mesmo? Moncorvo Filho, depois é que veio a UERJ, a UFRJ, mas depois mais tarde lá pela década de [19]50.

LM – Não, eu ia perguntar dos professores e eu a cortei.

AB - Nesse colégio.

LM – O senhor tem algum professor, o senhor tem alguma lembrança?

WL - Tenho lembrança de todos. O Mário Faustino, por exemplo, era de Física e era o professor da mais alta categoria, tinha livro publicado, e tal era professor também do Pedro II, sabe o que é o Pedro II?

LM - Naquela época devia ser...

WL - Era o professor Cerpa que era de Inglês, feito extraordinariamente ele era professor de Matemática Serrão.

AB – De?

WL – Serrão, Alberto Serrão.

AB – Era professor de quê?

WL – Era professor de Matemática, uma loucura! O professor de Sociologia nós tínhamos sociologia nós tínhamos.

LM – Que legal.

WL - Mas era um sujeito que também de nível elevadíssimo, todos os nossos professores eram de nível elevadíssimo. Tinha um outro professor de Química nosso, até hoje eu me lembro dele e depois veio a ser neurocirurgião era o Tavares, Renato Tavares era gente de primeira linha, de primeira linha, gente séria e que as turmas não eram grandes eram turmas relativamente pequenas e nós, por exemplo, no primeiro ano tinha várias turmas pequenas turmas e que a gente aprendia e aprendia mesmo e que se não tivesse nota não passava, também passou ali entrar numa universidade era a porta aberta era tempo diferente a gente não pagava nada gente entrava de manhã e saía cinco horas da tarde para dizer era negócio sério que hoje a gente olhando e bem diz ? o é um ajuntamento de tudo quando chegou a época do vestibular não tive dúvida.

LM – Medicina.

WL - Medicina, claro, é tinha que ia morar evidentemente eu estava morando no Catete nessa ocasião, mas quando entrei na Medicina eu comecei a me deslocar para mais próximo para não pagar a passagem então eu andava a pé ali na avenida Pasteur mesmo arranjamos uma pensão e nós ficamos.

LM – Arranjamos, o senhor morava com amigos?

WL - Lógico aí já tinha que dividir, aí já tinha que dividir, e por sinal como vieram pessoas de Cruzeiro e eles fizeram companhia para mim, mas não junto de mim naquela época vieram depois, um fazer engenharia ou outro que fazia direito o que fazia direito era muito rico riquíssimo o mais rico da cidade que ele vinha sim de mês em mês para fazer uma prova lá em Niterói e a prova chegava e já tava pronta a faculdade fluminense na época, na época não era bem conceituada nem só de direito como a de medicina também agora hoje ela está bem se bem que agora também aquele Pedro.

AB - Antônio Pedro.

WL - Antônio Pedro, mas então diria eu a vocês nós eu passei a ter uma convivência com o pessoal de Cruzeiro e morava junto comigo e a outros amigos de outra que vieram mesmo porque um dos maiores amigos meus foi feito no dia em que eu fui fazer a matrícula para colégio universitário eu tinha chegado recente chegado não tinha nem ajeitada pensão onde morar e fui para a fila para fazer a matrícula sem conhecer nada em...

AB – O senhor já tinha referência do colégio universitário?

WL – Já, já vim atrás dele e essas coisas, como agora as pessoas a gente vem com ? procurando o melhor.

AB – Aí o senhor foi lá para a fila.

WL - Lá para a fila um jovenzinho garoto assim exatamente como eu com um bom dinheiro fazendo dinheiro no Rio Grande do Sul se chamava Marte Ferreira Coutinho.

LM - Mário Ferreira.

WL – Coutinho, ele hoje é um dos grandes de neurocirurgiões brasileiros e que é professor da faculdade não sei se ainda é porque 70 anos eles botam para fora, mas parece que ele ainda professor ainda em Pelotas que é uma faculdade privada que é um neurocirurgião alto gabarito.

LM - Que é seu amigo até hoje Dr. Washington?

WL – Foi.

LM - É seu amigo até hoje?

WL - Até hoje.

LM - Que coisa linda na ter uma amizade de tantos anos.

WL - Até hoje e nós andávamos juntos nas escolas e tal estudava, mas juntos era uma coisa formidável e é uma coisa até pouco moralismo porque ele era rico e tinha um apartamento que ele alugava no Catete “vem morar aqui”.

LM - Aí o senhor voltou para o Catete?

WL - Voltei para Catete por que pagava muito menos porque ? mas a gente então depois quando ele se casou e se casou relativamente jovem eu tive que me retirar. Me retirei, mas continuamos amigos até hoje ainda frequenta aqui a minha casa nas festas de aniversário da nossa turma que nós mantemos até hoje esse hábito todo ano a gente faz a nossa festa de formatura que eu até quando fiz 50 anos “Não, vamos parar aqui porque não”??

LM – Cada ano a turma está menor.

WL - Uma turma desse tamaninho uma coisa terrível, mas eles não aceitaram.

AB - Não aceitaram vai continuar.

WL - Não aceitar a gente já teve agora nesse fim de ano uma festa muito boa por sinal muito agradável mais tem isso morreu fulano morreu e vem os nossos colegas dos estados unidos estão nos Estados Unidos vem e tal o único que não vem é o [Ivo] Pitanguí ele era meu colega de turma. Ele não vem porque ele não entrou no vestibular ele veio transferido ele veio transferido e nós ? briguento e tal, não admitíamos transferência, então o doutor Pitanguí que hoje é doutor Pitanguí na época fizemos um julgamento dele ele não era tão rico assim, mas ele é uma questão de pai teve que vir para cá e conseguiu coisa excepcional e ele conseguiu e nós fizemos uma barreira e essa barreira e depois um certo tempo formado a gente acabou com ela mas ele não ? ele nunca foi? Ele manda um telegrama e ele ? não vai, não vai nunca, um dado interessante porque ele é eu acho que até certo ponto ele tem razão porque ele foi discriminado na época.

AB - Aí já que não está incluído naquela época não estou incluído hoje também.

WL – Eu não estou incluído hoje também, eu não sei eu agiria assim, mas eu acho que sim, acho que sim. Portanto eu dou plena razão a ele justifico plenamente a atitude dele não têm críticas a fazer ele depois pessoa mando cliente para ele diz ele não pode pagar ele faz tem grandes qualidades, hoje a gente aceita e não foi por falta de qualidade de que a gente não aceitou foi por princípio, era um princípio de não querer transferência e então e a nossa coisa era muito unida um grupo danada assim acirrado fechado dentro da escola mesma gente fazia nossa assembléia antes para depois ir assembléia geral da escola para dizer que nós éramos terríveis era uma turma assim de alta, vamos dizer alta ?

LM - O senhor entrou em 1940 não é isso?

WL – Em 1940 e saí em [19]46, a escola na época assim professores famosos, o Pedro Pinto era o professor de farmacologia que era terrível, terrível, porque ele, minha filha, para passar com ele precisava que saber o mesmo tinha que saber mesmo e a gente às vezes assim em dificuldades, meio pulando. Então uma vez a gente fez uma homenagem, eu ? o da turma em situação dependente ? a oposição de homenagem a ele assim, a posição é “Pinto Pinto homenagem daqueles que reconhecem o seu valor e que honra a nossa escola e tal” ele não aceitou, não aceitou era fogo Pedro Pinto era fogo. Agora tinha um outro professor ?? quando os chegou no segundo ano da escola eu estava cursando o segundo ano escola o papai que já tinha umas casinhas de aluguel tinha um grande amigo dele que era um sujeito que tinha um negócio de laticínios porcos banha ele foi a falência papai era avalista dele e ele não avisou papai então papai perdeu todas aquelas, a renda o que ele tinha assim mas agora já está um pouco mais fácil, porque nós já tínhamos saído, só que tem que ele telefonou e disse o “olha pode voltar para cá porque eu não posso mais te mandar os R\$200” “eu não vou voltar não vou voltar vou ficar aqui”.

LM - Isso o senhor estava em que ano?

WL – Segundo, segundo ano da escola, aí que a fisiologia, fisiologia tinha Álvaro Osório de Almeida que era da Fundação Oswaldo Cruz de uma família, ele gostava muito de mim por que eu era um excelente aluno eu não era de só em bio-fisiologia era ele química também uma coisa de coisas algumas matérias que eu também não era lá essas coisas, mais eram matéria que eu precisava microbiologia por exemplo, era um bololo... o pai deles todos um sábio uma pessoa acima da média, que livro dele de microbiologia e era um livro para ser um romance que exibia que aquilo era a primeira aula de endocrinologia que chegou assim disse assim olha vocês meus alunos ??? penicilina, a penicilina foi descoberta em 1940. Nos primeiros cientistas que tomou foi ?? o primeiro cientista e curou a pneumonia dele. Então, ??? tinha feito aquela ??? Depois que inventou-se a penicilina, eu não sei se um faça o seguinte fiquem aí com Max.

AB - Fiquei com?

LM – Max.

WL - Max era assistente e não tem problema, nunca mais apareceu e nunca. Um dia eu também não ia muito à aula, não era para eu e também não ia chegou no dia da prova Max me disse que eu não podia entrar na prova porque eu não tinha presença “que isso professor” vai lá na casa do professor ele te der uma autorização você faz e lá fui eu peguei um táxi correndo arranjei com Mário dinheiro para táxi e foi lá ele morava ali na avenida beira-mar entrei bati era mais ou menos por volta digo meio-dia e meia. Uma hora cheguei lá encontrei uma das coisas assim mais se surrealistas que eu já vi uma mesa assim tosca sem nada, sem nem um pano...

Fita 1 – Lado B

WL - Um pernil dentro, um saco de pão, um saco de pão uma garrafa de cachaça única e um cacho de banana. Uma coisa linda espetacular na casa de um dos maiores cabeças deste país que representava o país em muitos Congressos ?? quem estava lá? Tinha mais ou menos uns 18 sujeitos, 18 sujeitos ?? que ele acolhia na casa dele e casa dele era assim não tinha a parede só quadro, só quadro só terno e os quadro, eram esteiras no chão e aqueles cavaletes e tinha uma mulata que era que servia ????

LM - Servia o pernil!

WL - Serviu pernil com pão e banana? E a mulata passava e ta passava a colher. Era uma coisa impressionante aquilo que já estava todo mundo num nível...

LM – Etfílico?

WL - Etfílico, bastante elevado, bastante elevado e dizem não o aluno toma uma coisa ele disse “não tomam nada que eu quero fazer a prova o senhor vai me dar ou não vai”, “vou dar sim, vou dar”. Ele já estava alto mas depois até que eu resolvi comer alguma coisa uma banana, sei lá o que ele então conseguiu me soltar porque ele não queria me soltar estava bêbado coitado, e aí ele dizer sim para mim na despedida “você gostou” “eu achei uma maravilha, achei ótimo isso aqui, é um ambiente extraordinário para mim”, para mim não existe um você imagina imaginar que o professor o homem de prestígio no mundo inteiro naquelas condições ele disse assim, “gostei muito de você, agora faça o seguinte não venha aqui antes das horas nem depois de meio dia, antes de 10 horas estou dormindo e depois de meio dia já estou bêbado” (risos).

AB - Entre dez e meio-dia o senhor ainda me encontra.

WL - Vem aqui só neste horário e depois eu... é... mas eu estava contando a vocês não foi bem isso que estava dizendo situação do meu pai em como é que eu lidei como é que eu administrei e o isso.

AB - Essa nova realidade que senhor optou por ficar aqui como é que ia ser.

WL - Como é que eu ia ficar aqui.

LM - Sem poder contar com uma ajuda familiar.

WL - Aí eu fui meu professor Álvaro Vale de Almeida e contei a ele professor vou ter embora ter que largar a escola que “não você está empregado hoje” essa coisa até emocionar por que muito importante isso foi ele que me garantiu a permanência, ele tinha um laboratório que fez o seguinte a partir de hoje vai trabalhar entregando caixinha, entre os médicos faça isso sem preocupações você vai ganhar o suficiente para vocês se manter aqui.

AB - Quer dizer a preocupação dele também não era que o trabalho não fosse o trabalho fosse atrapalhar aí tirar tempo.

WL - Então, comecei a vida arranjei onde morar com um sujeito porque o hospício era ali onde é hoje a universidade era ali, mas uma avacalhação a casa dos internos na casa das internas, era a última casa assim hoje eu não sei que e lá, não sei se eles tiraram ? era negócio lá, que ali era a casa dos internos, mais na casa dos internos morava 20 e tantas pessoas advogado toda profissão avacalhação dos diabos avacalhação, eu consegui com o chefe da casa dos internos fica aí, você dorme aí, dorme aí e vai ficando era uma avacalhação dos diabos uma coisa louca coisa terrível, mas eu tinha que dar um trabalho no hospital então fazer alguma coisa eu não sabia nada. Então eles me botavam a dar plantão no hospício e eu naquelas enfermarias que eram imensas, eu tinha que dar plantão lá e eu vivia com medo de acontecer algo eu não sabia se bem que aí nas outras enfermarias tinham outros plantonistas então, e a gente podia recorrer, fui fazendo isso assim desde o segundo ano eu estou envolvido com hospício, desde o segundo ano, mas não pretendia ser psiquiatra a minha pretensão era ser cirurgião e comecei logo que pude assim no terceiro ano a freqüentar o serviço do Pinheiro Guimarães lá no Moncorvo Filho, Hospital Moncorvo Filho e já no quarto ano, próximo do quinto ano, eu já fazia a apendicite, hérnia estava indo mesmo na direção só que eu achei aquilo monótono demais muito, chato pega a pele e faz assim pega o aí pega o apêndice e amarra, não num todo um troço sem saber como é era xerox.

LM - Esquemático demais.

WL - Repetitivo, monótono, Deus me livre! Como a já estava lá no hospício e estava gostando daquilo dali já tinha aprendido muita coisa e achava interessante aquilo para mim era mundo extraordinário porque antigamente não tinha nem tratamento então você via aqueles caras por exemplo o ficavam fazendo gestos e atitudes assim absolutamente extraordinárias os catatônicos por exemplo, repetiam a coisa no canto a gente ia conversar eles não respondia o para gente, tinham outros que falavam aquelas múltiplas manifestações da loucura que são as mais variadas as mas que hoje a gente já não vê tanto porque os remédios medicamentos barram coisas aquilo tudo. Amigo Machado dizia assim o “psiquiatra é o verdadeiro assassino que ele tira a vida da pessoa”, por ele mete uma ferramenta assim medicamentosa e tira a alegria. O amigo machado, então filhota...

AB – O senhor tinha esse convívio dentro do hospício por causa dos plantões, né? [Pra bem] dizer...

WL – Morava.

AB – Moradia, mas dentro assim das matérias tinha uma matéria específica em psiquiatria tinha catedrático, você teve contato, formação.

WL - Passou a ter, que nós começamos a ter essa que se que teria.

LM - Era mais para o final do quinto ano.

WL - O professor era Maurício de Medeiros que era um dos homens mais inteligentes desse país! A capacidade de síntese extraordinária e morreu, coitado, de maneira estúpida: ele estava na calçada e um carro o pegou na calçada. Maurício de Medeiros coitado! Um sujeito formidável, uma cabeça. Ele era professor de tudo: foi professor de Fisiologia, professor de Biologia, professor de tudo; sabia qualquer coisa, da mesma forma que aquele outro na Anatomia ??? Fonseca. ??? Fonseca era um gentil ele era corcunda de tanto estudar ?? Fonseca eu vou contar uma anedota dele. Fonseca no vestibular que eu fiz, nesse vestibular que eu fiz, ele chegou um sujeito lá com uma carta de apresentação, aquele como é que ele chamava era general prestigiado para burro, governo de Getúlio e chegou com uma carta pedindo para aprovar um aluno.

LM – Imagino.

WL - No vestibular era assim, pegava o animal, um inseto, e classifica ?? cheguei e qual é a família? Borboletáceo. Você vai passar, mas que borboleta é Borboletáceo.é a puta que pariu. (risos). Você vai passar!

LM - Por causa da carta!

WL - João Alberto é um sujeito prestigiado. Borboleta é Borboletáceo. Assim, professores geniais na escola e um deles era o ?? Fonseca o outro deles muitos Lacaz, gente de primeira classe. Então, meu professor era Maurício de Medeiros que gostou muito de mim, e ficamos amigos para o resto da vida inclusive quando já estava em Paris e um dia ele foi homenageado lá fizeram uma festa linda para ela estava e eu lá estava vi uma das mulheres mais elegantes foi aquela mulher do ??? Walter Moreira Salles, é elegante ??? Vestido preto, absolutamente sem nada ??? Uma simplicidade extraordinária e colarzinho de pérola, era elegância total, mas numa simplicidade elegante é o simples e bonito é simples, não como as francesas tenha essa bobalhada, as roupas extravagantes mas ela não, linda, rica não era não era a mãe do cineasta, do Waltinho, a mãe do Pedro ??? Depois ele casou outra vez, com outras mulheres. Mas eu tinha uma relação assim com ele, a secretaria particular dele que era muito minha amiga, mas então assim foi que eu fiquei muito amigo do Mauricio aí que então que eu gostei mais aí que foi.

AB – Quer dizer, num encantamento que o senhor já estava, aumentou ali.

LM - Aliado com a disciplina que passou a dar que o senhor gostou, a amizade, enfim...

WL - Acabei psiquiatra.

LM - Com a falta de monotonia, a hospital psiquiátrico.

WL - Cada doente é muito eu disse se já não tem esquizofrenia não existe esquizofrenia e esquizofrenia é uma abstração a menos que você quiser que existe não existe cão existe cÃO? Não existe, existe? o meu cão, é o stop existe outro que é o pit bull lá, que tem o nome dele lá do dono mais cão isso você não pega, pega? o cão, o cão é abstrato esquizofrenia mesma coisa não existe esquizofrenia porque cada esquizofrênico é um esquizofrênico o que existe é o esquizofrênico, mas a esquizofrenia não existe, então aquilo é uma maravilha não ter essa coisa assim é um desafio esse desafio gosto não de dizer adoro o desafio. E ali foi eu então passei no hospício, o hospício se mudou do Engenho de Dentro e eu fui mora no engenho de dentro lá na casa dos internos acabou a formatura nossa e a formatura e o interno que era também uma formatura que se dava naquela época e Ministro da saúde comparecer ministro da saúde comparecia à formatura no hospício Aduauto Botelho e ficou na diretoria do hospício, na diretoria de Serviço Nacional de Doenças Mentais não era ????. Vários pelo estado do Brasil ele era o chefe do Serviço Nacional de Doentes Mentais se perdurava nos cargos qualquer governo que viesse e ele ficava Dutra e com muitos anos ele ficou lá era da família Junqueira, Botelho, Junqueira de Minas Gerais que era gente banqueiro, não sei direito catalogar o que é muito difícil catalogar uma pessoa que a gente nunca é a gente está sempre sendo mais ele muitas vezes era um pouco assim vingativo às vezes. Então vem a formatura.????

AB - É dizer era uma formatura dos internos.

LM – Alunos além da formatura.

WL - Da escola da formatura, da escola era uma solenidade altíssima, no Teatro Municipal. No Teatro Municipal e eu tentei disputar o concurso de orador, mas o meu discurso sabia que não ganhava meu discurso era muito agressivo, para ser evidentemente eu fiz só para marcar posição dentro da turma quem ganhou foi o sujeito que realmente era espetacular acima da média ele português que veio de Portugal, mas fez vestibular aí e espetacular primeiro aluno...

LM - Como era o nome dele professor, você, o senhor lembra?

WL – Lembro sim, eu sempre lembro... daqui a pouco. Ele desapareceu acho que muitos safadamente na praia lá perto daqueles hotéis ali São Conrado ele tava tomando banho a roupa dele desapareceu a roupa dele ficou lá mas ele desapareceu uns dizem que ele foi mas nunca se encontrou o corpo dele nunca, nunca a de pensar que ele estava ??? duas mulheres aí uma confusão danada em cima do ??? ele ganhou com toda razão por ele fez um discurso, um discurso bonito sem conteúdo um negócio assim, mamãe papai, não sei o que, essas besteiras sem conteúdo mais na sabemos que nunca tive essa discussão que tinha uma direção uma posição definida e aquilo na nossa turma muito pequena para fazer valer essa questão essa particularização é um troço meio ????? então na já sabemos então, deixa o Hélio, o nome dele era Hélio, Hélio, depois eu lembro o resto.

AB - E na outra formatura.

WL - Lá na outra eu não vou fazer discurso de jeito ???? Que hoje é um homem que nunca fez medicina nunca fez, ?? psicanálise e não conseguiu receber títulos de psicanalista análise não concluída foi deixado certificado ele foi fazer psicanálise na Argentina na formação e não consegui porque não deram o título ele, então ele acabou hoje ele é um homem riquíssimo porque ele hoje faz importação e exportação de café no Espírito Santo e gosta muito de mim, quer dizer, então ele foi eleito no dia ele não aparece os meus colegas todos que tinha falar na assembléia essas coisas não sabia falar de improviso você tem falar, vocês sabem eu não vou falar o que eu não quero, vou falar o que eu quero Ministro lá diabo, diabo, todo mundo lá, situação da nossa formação que nós éramos autodidatas que aquilo ali não era um lugar humano de tratamento aos doentes e aquilo ali era um jardim zoológico para os doentes evidentemente que tive aplausos mas também tive caras cerrada contra mim. Aplausos das pessoas ali, de funcionar que sabiam não era tão fácil se bem que era mais limpo hoje esse discurso seria assim dez vezes mais grave porque naquela época de se fazer uma crítica era uma crítica do vamos dizer que é, às vezes, injusta e porque não era tanto assim, como eu caricaturei. Acabou a festa, acabou a solenidade tinha coquetel. Adauto me chamou um lado e disse assim: “Você é um ingrato, você é sujeito que inclusive tem guardado aí presos políticos dentro do hospício e eu nunca falei nada”, “Se isso é verdade, o senhor mais um erro o senhor cometeu que eu deveria ter denunciado lá no discurso porque o senhor compartilhar com um desses verdadeiros crimes mais uma coisa contra o senhor” e ele ficou danado e sabendo da história da saber você é um dos mais ingratos diante disso todos os meus colegas foram nomeados para o hospício a título assim precário porque a gente era a nomearam mas no mínimo depois de dois anos teria que fazer o concurso.

AB - Era nomeado como interino?

WL - Interino exatamente interino posterior para reafirmar ??? e eu não fui nomeado, eu fui o único eu provoquei que a história né eu provei que eu tinha certeza que não seria nomeado, e foram poucos ?Que foram poucos aí fiquei que que eu vou fazer né. aí tinha um político lá em Cruzeiro, Dr. José de Bastos, pai desse menino Bastos que é advogado de PT lá em São Paulo o Márcio [Thomaz] Bastos, que é um rapazinho interessante que outro dia presenteou o PT com a conta de R\$50.000 e não foi um dos grandes advogados foi presidente da ordem dos advogados do Brasil Márcio Bastos.

AB - Pai dele que era um político lá.

WL - De José Diogo Bastos, um médico, então, papai era amigo dele. Papai disse “você vem para cá você vai ser nomeado aqui se chefe do posto de saúde de Cruzeiro” “ta bom” e depois dois a três meses nós vamos te mandar para Juquery em São Paulo a “ta ótimo, maravilha”. Eu não queria ficar no posto de saúde, queria ser psiquiatra aí ele me prometeu ter nos três meses lá, então eu fui embora. Lamentei deixar o Rio de Janeiro e mais o que eu ia fazer? Eu vou para Juquery também, é um grande lugar, é o espaço que foi dado para mim. Aí eu fui e chegando lá comecei meu trabalho e passei a ser a manchete do jornal semanal da cidade, a manchete, e fiquei de verificar todas aquelas coisas de latas estufadas do comércio e arrebentei as latas. Fui lá nos prostíbulos, ???? todas essas moças lá dos prostíbulos “vocês

vão ser examinadas, vão passar por exames qualquer doença venérea que vocês tenham, eu trato, faço tratamento” cada uma dessas uma manchete do jornal. Então eu passei a ser manchete do jornal, o negócio dos bois examinados. Bois. Encontrei bois com tuberculose em casa, coisa era manchete assim, eu fiquei com prestígio na cidade que já era grande e com um muito maior... fundei uma sociedade dos amigos, dos jovens amigos de Cruzeiro, políticos que não faziam o negócio de outro, ele desmanchava aquilo fazia outro. Então foi um documento bem feito, aliás eu tenho até hoje, um documento bem feito. água de Cruzeiro precisa se isso etc todos os efeitos em Cruzeiro tinha para ser resolvido nos problemas e a assinatura daquele mundo jovens tinha eleitoral e nós começamos a ser bajulados, não dávamos confiança não queremos nada com vocês somos independentes eu era o chefe do negócio todo muito bem quando então o Churchill havia feito o discurso dele em 1947 foi 1946 e tava Churchill já havia feito o seu discurso criando a cortina de ferro e a Guerra Fria grande criador genial o homem da burguesia Churchill diplomado todo partido comunista entrou na ilegalidade perdeu senadores dadas ano passar na ilegalidade jornal partido fechado eu estava lá em Cruzeiro. Então veio o Caio Prado Júnior dizendo: “Olha vocês que se usa dizer o vocês defendem e ex-secretário do jornal hoje o jornal que nós estamos criando para a gente com a de que reorganizar o partido na no Vale do Paraíba lar mais vamos trabalhar e começamos a fazer negócios e o nossa ligação com São Paulo era o Gervásio um sujeito que foi clara? Sargento da que fazia a ligação com São Paulo correndo aquela cidade todas onde estava eu... fomos representante um dia ele foi apanhado de dança com em vez de dizer antes foi descer na estação de São Paulo foi acompanhada apanhada na todos que de um cavalo ao meu nome nomes todo o pessoal não demorou dois dias cavalariagem dez homens da organização política social? Pegando aqueles sujeitos do partido lá que eram Guarulhos está de lá amarrando o que a Jordânia assinado amanhã e aí tinha uns levam hoje saúde era uma figura importante porque cidade do interior era uma autoridade e uma autoridade que não se brinca principalmente naquela época a saúde dali então o delegado foi lá ele já sabia que ele vinha do já sabíamos que essa coisa de cidade do interior da exames de negasse da polícia já sabia que ele entrou que maravilha que espetáculo à sua presença aqui está esperando isso não tenha que nós tínhamos uma relação com a polícia vai ser fazemos aquelas perícias sujeitos que morreram na lados nas e trazê-los não esperando essa visita muitos anos um tempo que se mais e felizmente havia a aqui não pouco para receber essa sua homenagem sua que essa toda alegria isso o tempo que a minha tarefa o a atriz e lamento pelo que eu tente fazer eu vinha aquele aprender eu disse que me prender seu clã não faz o que eu não tinha jeito e me dá um mas a gente tem que tem dez sujeitos aí que vão carregar o de levava o eu vi que só para amenizar para não eles não viessem todos eu não vou eu tenho que dar satisfações a delegada regional tem que acertar todas a situação aqui que vai até sem a minha presença e se existissem no não dará a única regressa gritando pelo meio da rua fazendo escândalo a cidade vai ser muito pior ele para coisa vamos fazer esse isso se escreve marcar nem apresentando a São Paulo e eu irei me apresentar lá e 24 anos depois mas tomamos uma decisão vem agora eu não vou com eles os Jaques escreveu a carta para MC cima dele na manhã seguinte de madrugada e peguei um ônibus e a decoração com se me pegasse no caminho da Indy sem dinheiro eu tinha parece 500 e qualquer coisa que não parece cem reais e para lá cheguei lá o Caio Prado tinha ido como esse negócio aí, o Gervásio já está morto pegaram o Gervásio...

Fita 2 – Lado A

WL - Por um lado minha filha que você nem pense em aparecer lá nem pense. Eu não tenho meios de sair país entende? “Que você vai para o Uruguai nós temos lá amigos capazes de dar a você” lá vou eu ele ajeitou o passaporte lá ? que foi para o Uruguai e lá chegando muito bem recebido muito bem fiquei lá um período assim quase três meses até no processo do Vale do Paraíba quer dizer da sublevação do Vale do Paraíba acabou.

LM - E isso foi em [19]47 doutor?

WL – Isso foi depois do discurso do ????. Aí eu fui para pé lá muito bem me trataram muito e se alguma atividade lá que eles me deram fazer para eu não ficar à toa e me dava o dinheiro me davam tudo sei lá mas acabou o processo que foi arquivado lá vim eu, lá vim eu para a o Rio de Janeiro trabalhar cheguei aqui tinha que trabalhar.

LM - O senhor não voltou para Cruzeiro?

WL - Não.

LM - Não foi para Cruzeiro?

WL - Não que o delegado de lá foi transferido, foi castigado, foi rebaixado, posto e o papai ficou danado comigo “onde é que já se viu um Loyello faltar com a palavra mentir” aquela coisa toda aí ele não sabe não tem noção, não tem noção.

AB - Do tronco.

WL - Ele não tem noção do que é aquilo lá não tem noção não tinha mesmo não coitado pai era ingênuo foi ingênuo um bom sujeito, mas ingênuo, ele ficou contra mim andou me procurando no Cruzeiro inteiro, na zona inteira na fazenda pegaram um pretinho que se dava muito bem comigo o pretinho disse eu não sei onde ele tá eu não sei e não sabia mesmo coitadinho. E ninguém sabia, eu não contei para ninguém estas coisas a gente tem que fazer em absoluto ninguém pode saber que ninguém pode saber então quando eu voltei para onde é que eu vou, o chefe da casa do hospício tinha uma casa de saúde ali na [Rua] Voluntários Pátria, na Santa Helena, Casa de Saúde o Santa Helena e eu fui lá, Lisânias e ele gostava muito de mim o Lisânias, burro coitado, ignorante, mais ignorante que burro, mais um sujeito que casou-se com uma pessoa, com a Maria Luiza Castelo Branco que era minha amiga e que eu tinha a apresentado a ele. A Maria Luiza não agüentou, ele muito tempo, Maria Luiza era uma moça fina inteligente menina, assim... teatro uma pessoa tinha alto, alto nível intelectual Sensibilidade extraordinária, ela teve que soltá-lo, não agüentou ele, não agüentou ele porque ele era um cara assim meio, como se diz, meio broco, boa pessoa, lutador e veio da miséria ??? e conseguiu. E ele fez formação psicanalítica tal essa coisa e conseguiu, ele tinha a posição, e conseguiu ter várias Casas de Saúde uma em Petrópolis, uma aqui, outra aqui e ficou rico, ficou rico.

LM - E qual era o nome dele doutor?

WL - Lisânias Marcelino da Silva. Era o chefe, ele foi o de chefe do Serviço Nacional de Doentes Mentais ??? foi longe mas, e era um sujeito para mim ele foi muito bom sujeito, reconhecia as limitações dele, agora ele ficou muito meu amigo assim por causa da apresentação que eu fiz a Maria Luisa que, eu tinha relações com ela, Castelo Branco, moça da alta sociedade e tal ele se viu o naquilo não sei até que ponto porque ele gostava muito dela ou se era por interesse, mais ela era bonita e boa pessoa.

LM - Não foi nessa casa de saúde que o dr Adolpho Hoirish também trabalhou algum tempo?

WL - Na Santa Helena?

LM - Doutor Adolpho Hoirish.

WL - É na rua Voluntários da Pátria, é lá onde eu fiquei, e lá eu tinha que ficar mais um pouco por ordem do pessoal do partido você não pode sair você tem que ficar aí e de noite de você saía, mais saía pouco assim com óculos preto e tal para poder não ser apanhado bota um chapéu pra ficar um pouco diferente para poder sair eu saía depois da meia-noite ainda e ...

AB - Então o senhor ficou trabalhando e morando lá?

WL - E morando lá só que de dia não saía então lá tinha uma figura D. Maroca, que ela construiu ou mandou construir ou foi construído sei lá, um apartamento dentro terreno do hospital que era exclusivo dela, da mulher rica , mulher com prestígio danado em Minas, vi as fotos daquela cambada toda o Valadares aquela gente toda que mandava em Minas ela dominava isso tudo e o governo era do Dutra nessa ocasião eu não tinha nada que fazer durante o dia quando não estava de plantão então eu ia lá sentava lá ela sentava lá assim na varanda que eu aqui longe dela que ninguém podia chegar perto dela ela tinha uma neurose obsessiva gravíssima ninguém podia dar a mão pra ela, ela não pegava em dinheiro se ela saísse com um vestido lá quando ela voltava a ela tinha que rasgar o vestido queimar o vestido porque não servia mais ou vestido já estava contaminado uma neurose obsessiva. Não sei se você sabe o que é a neurose obsessiva, ter que lavar a mão 500 vezes por dia; a mão que ela apresentava já assim no vermelho por ser de, só as mucosas, todas arrebatadas por causa do sabão, mas ela me adorou. Eu ia lá conversar com ela, eu conversava com ela, batia o papo com ela, contava a história, ela conta a história. Em suma: cativei a moça, a senhora, a senhora. Um belo dia chegou pra mim e ela (TELEFONE TOCA, PAUSA NA GRAVAÇÃO) de um prestígio é extraordinário

AB – Dona Marieta, né?

WL - É, mais de que tinha essa neurose obsessiva que... vocês não têm nem uma noção do que é isso tem?

LM - Uma vaga idéia.

AB - E idéia mas não.

WL - Não o limite de botar a mão na sua mão, o limite para pegar o dinheiro um limite que nada disso. Aquela maçaneta ali, ela não põe a mão porque já botaram a mão ali. Ela está sempre contaminando, então eu fazia isso todo dia e muitas horas durante o dia um dia ela chegou e “porque o você não entra você não entra no Serviço Nacional de Doenças Mentais” eu contei a história para ela ela disse, mas o Adauto [Botelho] fez isso é o Adauto ele tinha razão “mas você tem que ir para o serviço nacional” ela se vestiu um dia depois olha a neurose obsessiva se vestiu botou o se de repente aquela roupa depois ela rasgou (risos), saiu do Catete e sem avisar nem nada foi entrou para falar com o [General Eurico Gaspar] Dutra evidentemente foi bem recebida foi recebida que aquilo não era um gesto maníaco dela era um gesto de quem tem prestígio Dutra recebeu, não sei o se o nome dela era Maroca ou Maria qualquer coisa não lembro, sempre dona Maroca, “o que você quer”, “quero isso, quero que o senhor nomeie esse sujeito aqui para o Serviço Nacional de Doenças Mentais” em três ou quatro dias depois estava no Diário Oficial minha nomeação.

LM - Então foi assim que o senhor entrou para o Serviço?

WL - Entrei para o Serviço Nacional de Doenças Mentais, assim que eu entrei, entrei e chegando lá o Adauto na primeira conversa com Adauto foi muito simpático que porque Adauto não ??? no dia que eu fui me apresentar eu ele sabia foi a revelia dele a nomeação eu numa coisa dessas tinha pedido de questão, mas ele não.

AB - Porque passaram por cima, não é?

WL - Ele não ele não tinha disso não ele não tinha esses escrúpulos e então eu disse “você precisa compreender as coisas já se passaram, vamos botar um?”, “Agora nós temos que andar de passos certos”, “nunca tive e passo errado com o senhor não, quem andou de passo errado foi o senhor eu sempre andei de passo certo”, aí já começou, “não vamos aqui, aonde você quer ir?” “Eu digo eu quero ir para a Colônia Juliano Moreira em Jacarepaguá, e dei a explicação eu a quero ir porque lá a gente trabalha de só três vezes por semana e eu preciso ganhar um pouco mais de dinheiro trabalho no Santa Helena e a pé ficar careca eu vou trabalhar e trabalhando três vezes por semana posso também trabalhar” sem problema, mas eu já sabia que lá é que não ia me botar. Lá jamais.

LM – E por que o senhor diz que lá jamais?

WL - Porque ele era vingativo, ele não esquecia, e ele não esqueceu, ele não esqueceu ele morreu sem esquecer isso que aconteceu comigo morreu sem esquecer o então você pode passar aqui e apanhar a sua carta de apresentação e consegui pegar a carta de apresentação no Engenho de Dentro que era o que você queria.

AB - Que era o que você o senhor queria o senhor armou direito.

WL - O que eu queria.

LM - Doutor, o senhor não era mole!

WL – Fui morar no Engenho de Dentro, mais aí já não mais dentro do hospício de um apartamento lá uma casa na rua Adolfo Bergamini aí já veio morar comigo meu irmão tem uma história complicada que hoje é químico industrial engenheiro químico e tal que eu que o formei. Que mãe não argumentava mais com ele lá cruzeiro, ela disse leva esse menino, levei, trouxe ele pra cá e formei engenheiro e meio na sua e por sinal nós temos uma relação, isto é uma relação assim meio coisa ??, que você sabe que eu sempre costumo dizer o provérbio chinês “Que tanto benefícios que tanto mal me queiras”, tanto mais bem você faz a uma pessoa mas inferioriza essa pessoa, ela se sente inferiorizada por você e aí fica contra você e ele tem uma posição comigo assim comigo.

AB - Aí o senhor foi morar ali pertinho?

WL - Morar lá pertinho do Engenho de Dentro, eu sempre faço isso morar onde trabalho, e lá comecei fui indo, fui indo, veio um concurso lá vou eu para o concurso e o que sabia coisa, não era burro não, não era tão burro, sabia, sabia tirei e terceiro lugar, entre 60 aprovados, tirei o terceiro lugar e apresentaram cento e tantos candidatos, 160, já chega lá no dia da homologação da publicação no Diário Oficial dos aprovadas, não estou eu, e mais quatro, cinco em um que tinham sido aprovados.

AB – Que tinham sido aprovados.

WL – D. B. Pontes de Miranda, Maria da Penha de Miranda, filha do Luis Alfonsim, quatro, Alan Kardec, o Lusitânio Ferreira, e o Paim, eram quatro psiquiatras. Esses quatro psiquiatras que no dia no não ? “Porque que nós não vamos poder...” “por que por que vocês deixaram de fazer uma das provas” “qual é a prova?” “prova de investigação o social” que prova é essa?” “vocês têm que ir à polícia e lá dizer que você não tem nada a ver a”

AB - É o tal o do nada consta.

WL - É o ID tinha atestado ideológico chamado famigerado atestado ideológico que era inconstitucional mais era na verdade que eles barravam o mesmo agente e aí eu propus vamos para a justiça, vamos para a justiça, chegamos lá onde é que nós fomos? No Sobral Pinto. De Sobral Pinto disse assim olha menino vocês a causa é absolutamente justa que está e vocês vão ganhar líquido e certo isso é líquido e certo agora demora, demora eu vou todo mundo foi passamos de uma procuração ele nunca cobrou o tostão da gente. Acontece que as coisas começaram a demorar e o concurso os outros não eram os outros não tomaram posse até que eles entraram na justiça e tal, conseguiram e aí minha filha tentaram me esculhambar principalmente quando eu fiquei sozinho que chegou o momento em que eu fiquei sozinho os outros quatro, foi a primeira foi a DB que o pai dela e exigiu o outro foi o Lusitano o outro foi o a Alan Kardec outro foi o Paim e fiquei eu sozinho todos eles entraram porque quando eles viram o que podia entrar eles entraram enquanto tava lá suspensa a homologação a *sob judice* mas depois eles ganharam, mas nesse ínterim eles tentaram me esculhambar aqueles que passaram e tava até um certo. Inteligível capaz de ser entenderem porque eles queriam ser nomeados logo que eu tava impedido com a minha pirraça, pirraça não um troço mais do

que sério não se sujeitar a arbítrio de uma lei absolutamente ilegítima inconstitucional. Eu dizia isso tudo pra eles vocês é que são uns canalhas dizia assim com essa palavra vocês são uns canalhas trouxas curvam à sua espinha esculhambei.

AB - Porque enquanto está rolando este processo o senhor continua como interino lá.

WL – Não.

AB - Dentro do Pedro II.

WL – Não, não, não.

AB - Enquanto estar rolando o processo o senhor se afasta.

WL – Não, nada me afasta.

AB - Não é mais interino.

LM – Fica só esperando a resolução, é isso?

WL - Esperando a resolução.

LM - Então o senhor que na Santa Helena

WL - Na Santa Helena, mas o negócio está rolando, está rolando.

LM - Isso.

WL - Eles tomaram posse que eu não, não podia tomar posse eu tinha passado, mas não tinha não era aprovado então acontece então o seguinte depois de dois anos e meia três anos já estava e no supremo Tribunal Federal aí veio a sentença aí os juízes unanimemente respondeu lamentamos a sentença que o Brasil e não possuir leis capazes de impedir o ingresso no serviço público de elementos como o Dr. Loyello. Essa que foi a sentença então lamentaram e eu entrei, minha filha, ir cheguei a chefe geral do serviço de todos os hospitais aqui dentro, todos, Pínel, Engenho de Dentro, Colônia Juliano Moreira, chefe geral, e eu era caxias, muito caxias, sempre fui caxias.

AB - E quando o senhor entrou e isso já era 50 e poucos? [19]52?

WL - Já, já eram mais de dois anos?

AB - O senhor já foi direto para o Pedro II também?

WL - Não, aí.

LM - Para o Engenho de Dentro?

WL - Aí tem coisa é mais aí eu fui para o Engenho de Dentro por causa do Adauto, mas eu fui como interino.

AB - É, mas depois o senhor foi para como é efetiva poderia ter ido para outro lugar, mas não o senhor prosseguiu?

WL - Consegui para o Engenho de Dentro.

AB - Conseguiu ir para o Engenho de Dentro.

WL - E fiquei lá. Quando eu fui diretor geral lá, a Nise da Silveira que era uma pessoa rígida terrível, terrível, a Nise mas que gostava de mim me respeitava a mais era terrível e a Nise é uma figura que tem uma situação muito interessante que ela e nós tínhamos lá 1000 e tantas internados 400 mais 200 e 600... e tantos acho que uns 2000 e tantos internos no Engenho de Dentro e a Nise trabalhava com ideias? noite e o diretor geral ela queria aquele que ela tem e desenhos dele lá.

LM - Diniz?

WL - Diniz, ela fazia uma pesquisa, terapia pelo amor de deus se eu botar terapia dentro do hospital todas administrativo Pedro II o estava e deu todas os hospitais que eu tenho aqui eu vou ficar com esses dez sujeito tinha saído na sua mão não falei isso para ela não o porque se eu falasse era uma briga era uma briga que ela pegou um retrato dele um gato assim porque ela tinha uns gatos um cachorro dela que andava atrás dela e muita gente implicava com os gatos dela com os cachorros eu não gostava não mas eu ficava no meu canto. Uma vez eu fui à casa dela ali no Catete, na Marquês de Abrantes e tinha um gato sentado assim na poltrona e eu quis espantar, e ela disse deixa o gato, e onde é que eu sento então, senta aqui, uma mulher terrível, mas eu acho a obra dela como pesquisadora até interessante ela fez coisas interessantes aquela coisa da lobotomia por exemplo tal da Mir Cavalcantiz fez 300 e tanto casos de lobotomia que era um deles, um deles era, era um dos dez pacientes dela e ela ficou louca, ficou louca mais ela viu o que causava a lobotomia meio que fazia a assim coisas em barro esculturas fabulosas ele fazia desenhos maravilhosos? Prova da decadência total que a lobotomia provocava aí ele teve valor, mas não era terapia. Tenha paciência. Então eu combinei com ela dou tudo o que você quer, uma besteira dar para dez sujeitos, tinta papel besteira? Que as vezes que ela tinha dificuldade com os outros diretores, mas comigo ela tinha toda a sensibilidade aí ela ficou bem? Agora você tem que entender que o vou fazer uma referência aqui? E peguei a pessoas do espaço útil e tal fazia a bandinha? Modificamos a situação sem brigar com ela agora eu não e dou a ela o valor que se ali porque eu acho que ela foi discriminatória ela pegou um grupinho de doentes e começou a trabalhar com eles e largou o resto quer dizer isso não pode ser uma pessoa que está chefiando o serviço de prática e terapia de todos o os hospitais ali não está certo tá o que que se faz ?? é ou não é

AB - O senhor queria é que se espalhasse a atividade?

WL - Que desse a todas elas como responsável tinha que fazer tudo, mas ela fez isso e que isso minha filha não é que não tinha valor. Ela fez com um instituto com o inconsciente aquele troço com o consciente que dizer que está hoje guardado pela Unesco, mas eu acho que não podia se conformar com esta situação então para ela eu dei tudo que ela quis era fácil não era difícil.

AB - E como era o dia-a-dia do seu trabalho como diretor desse centro que na verdade esse centro porque têm vários....

WL - Várias.

AB - Vários hospitais ali dentro.

WL - Lá dentro tinham cinco hospitais.

AB - Tinha cinco hospitais.

WL - Tinha o infantil tinha o Pedro II que era aquele de agudos, tinha o Gustavo Riedel, o que tinha o de adolescente e tinha como é que chama o instituto de psiquiatria e ainda tinha o bloco médico cirúrgico, que ali tinha tudo, ali tinha obstetrícia e tinha laringologia tinha a oftalmologia tinha tudo era o bloco?

AB - Como é que era o seu lidar, era um número grande de profissionais?

WL - Nossa Senhora!

AB - Médicos, enfermeiros e auxiliares?

WL - Em cada local desses eu tinha um diretor então em cada local desses eu tinha um diretor da Colônia diretor do Pinel diretor e o então era um sujeito que manobrava aquilo a minha posição num local que eu ficava era no Engenho de Dentro e aí fui até a quando chegou a revolução de [19]64 eu estava na chefia geral era um homem de confiança do...

AB - Do ministro da época.

WL - Do ministro da época assim também do...

AB - Shado?????

WL - É, era também de confiança do Jango, Shado?? me recebia a lá na entrada do ministério da assim como eu cheguei a para ele nós temos 80.000 qualquer coisa de reais para comprar remédio para todos os membros dessas cinco isso aqui não é brincadeira não dá nem para começar não dá nem para um mês para coisa ele vamos fazer o seguinte vamos fazer um laboratório você aumenta um cadinho essa grana a gente bota essa grana na criação de um laboratório que vamos comprar a matéria-prima e nós fazemos comprimidas fazemos a ampolagem quer dizer fazemos os remédios que precisa aqui e assim foi quando laboratório

ia ser inaugurado dia 8 de abril que era meu aniversário que ele acharam esta data boa, no dia 1º de abril houve a famosa revolução e aí acabou tudo acabou mas no dia 8 nós fizemos a inauguração eu ainda não tinha saído, tinha pedido demissão mas não tinha sido substituído fizemos o discurso, entrego a vocês esse laboratório vocês tem que tomar conta dele eles vão destruir isso e não precisou nada que no dia da minha substituição o sujeito disse na minha cara na frente de todo mundo Dr. Loyello está fazendo uma concorrência desleal com de laboratórios. Desleal e nós tínhamos que, eu mandava em média já não da ampolagem que ainda não estava pronta mais de comprimido, gardenal estas coisas, fazia com um gasto todo o serviço? Porque os americanos não venderam matéria prima pra nós. Fomos para Itália a Itália não dá bola para esse negócio de *royalts*, ficamos lá mandamos brasa

AB - Quer dizer de chegou a funcionar uma etapa da fábrica chegou a funcionar?

WL - Chegou a funcionar, mas pouco, não era o laboratório em si que era um negócio que tinha todo aquele sistema de ampolagem aquela coisa toda e máquinas muito melhores de fazer comprimidos fazer drágeas., e tal, aí fecharam. E acabou o laboratório não funciona. Uma tristeza. E eu o passei por um inquérito que deu um dia que eu fiquei 15 horas sendo inquirido, 15 horas.

AB – Doutor eu estou vendo a hora da fita para vigiar aqui.

WL - 15 horas de inquérito eu estava cansado quando eles então eles substituíram três equipes de interrogadores e cada uma cinco horas, e continuaram eu já estava esgotada vamos desligar tudo e nós queremos fazer umas perguntas você acha que eu fiquei? Lógico que não ??? eu não tenho nada mesmo aqui que eles me acusavam sabe de que o de que na parte da terapia lá da Nise lá naquelas coisas dela faziam bustos de generais russos, faziam bustos de generais chineses, mais que coisa burra. Naquela época não tinha, o único sujeito que tinha alguma visão das coisas era o Golbery [do Couto e Silva], o resto era uma burrice depois ele melhorou depois de alguns anos fizeram o IME fizeram o ITA fizeram estas coisas que melhorou um pouco o nível do exército, mas o nível do exército era de uma pobreza terrível e o Golbery se sobressaia né ele foi o artífice da revolução eu sei que eles disseram assim a gente queria fazer umas perguntas. Por que é que os médicos geralmente, não esquerda. Eu disse assim e primeiro eu não sei se essa sua premissa é verdadeira agora supondo que seja Eu acho que eu sou de esquerda porque porque eu acho que a gente aprende tanta coisa na escola que quando chega na hora que botar em prática não pode porque os problemas são mais sociais do que médicos a tuberculose nossa já está resolvida mas no entanto morre gente de tuberculose ainda a malária não está resolvida no entanto morre o nosso amigo de febre amarela? aquele sujeito que faz essas figuras, Caruaru fazem?

LM – AH! O mestre Vitalino, não. é ...

WL – Esse mesmo, esse mesmo.

LM - Da cerâmica.

WL - Da ceramicazinha? Como é que ele chamava?

LM – Vitalino?

WL - Vitalino também morreu de febre amarela na Grande São Paulo de febre amarela, febre amarela que Oswaldo Cruz acabou com as poças d'água há anos então isso não é mais problema não é médico isso é um problema social e que então a gente fica muito danado da vida e nós não podemos resolver com aquilo que a gente aprendeu porque que todo o uma política circunda e que não é a médica que a gente então tem que saber porque que é, e aí agente fica venda que a sociedade é uma sociedade injusta é uma sociedade tapada é uma sociedade isso. Esculhambei.

Fita 2 – Lado B

WL – Vem o seguinte: por que os médicos americanos não tem esse tipo de coisa??? Porque eles têm tudo tem tudo muito bem e o que eles aprenderam na escola eles aplicam e nós não podemos aplicar então a gente tem que ir buscar as razões dessa em incapa... impossibilidade de aplicação do que a gente aprendeu???? No caso do Brasil ser invadido pela União, não Soviética numa guerra do Brasil com o União Soviética de que lado o senhor fica? Eu disse “essa pergunta é muito desgastada vocês já utilizaram esta pergunta muito com Luiz Carlos Prestes que respondeu com muita dignidade com muito acerto e eu respondo exatamente como ele fez: o no caso da soberania brasileira ser conspurcada pela União Soviética, nós ficamos ao lado do governo brasileiro contra a União Soviética agora no caso do Brasil tentar invadir ou arranhar a soberania da soviética, nós ficamos ao lado da União Soviética contra o governo nem tanto ao lado da união soviética contra o governo brasileiro, vocês estão satisfeitos?” “Está, está bom” evidentemente que ficaram desconfiadas eu tenho um maço assim que eu peguei no DOPS [Departamento de Organização Política e Social] das coisas que esses ? Disse que eu era um sujeito assim de inteligência superior como ????? e que era secretário do Prestes, o secretário do [Luiz Carlos] Prestes foi isto que vocês viram aí o secretário particular do prestes e que eu era um homem de grande influência eu não era não era não era não nunca foi nunca fui porque eu sempre tive uma capacidade muito grande de manter a coisas de modo que eles nunca me pegassem, nunca me pegar, nunca me prenderam nunca fui preso fui ??? Tentaram me prender, mas não conseguiram por causa de uma situação que eu tive de dar ser avalista, fui fiador.

AB – Fiador.

WL – Fiador, de um apartamento que morava o amigo médico do partido, que andava por esse mundo afora, ele tinha 12 passaportes diferentes, ele tinha 12 passaportes. Ele foi apanhado e o apartamento dele era aqui no Grajaú e eu é que era o fiador e aí deu um bode danado comigo, sabe como é ser fiador as vezes se complica (TELEFONE TOCA, PAUSA NA GRAVAÇÃO) esse médico que era um homem ligado ao partido e que fazia uma espécie assim de... (TELEFONE TOCA, PAUSA NA GRAVAÇÃO)

AB - ...Fiador aí teve esse problema.

WL – Do que? Que?

AB - Com aquele rapaz o médico que o senhor foi...

WL – Ah, do que, do que? Ah, o médico depois...

AB - Só que teve problemas.

WL - Mas eu fui lá ouvido umas cinco vezes, mas não chegaram a me prender.

AB – A prender, nunca teve problema.

WL - Nunca fui preso.

AB – E depois desse inquérito que o senhor respondeu em [19]64 desses?

WL - Aí não acharam nem nada de subversão nem nada de corrupção, não acharam nada não acharam nada, então eu tenho que voltar, mas voltar para onde, eles me tacaram na Colônia Juliano Moreira.

LM - Longe pra caramba não é do Dr. Washington?

WL - E fui trabalhar onde? No Manicômio Judiciário da Colônia Juliano Moreira em saber que lá é o lugar onde tem lá ??? trabalhar lá não tinha que fazer porque e aí eu consegui com jeitinho ser transferido para cá, para [a Rua] Frei Caneca⁴.

AB – Então, quer dizer que tinha uma parte do Manicômio que funcionou lá na Juliano Moreira?

WL – Que eram os crônicos, a Juliano Moreira era um de doenças crônicas.

AB – Certo.

WL – E aqui era o pessoal agudo, aqui na [Rua] Frei Caneca.

LM – Ah, eu não sabia doutor Washington. Quer dizer que os pacientes que deveriam ficar no Manicômio Judiciário eles poderiam ficar parte na Juliano Moreira e parte aqui, é isso?

WL - O manicômio judiciário, o manicômio judiciário não era da justiça ele era do Ministério da Saúde. Então os presos que ficava lá devagar porque ninguém vai que com o Febrônio [Indio do Brasil] tinha acabado com a periculosidade dele, então ele não podia sair depois não quando ele tava lá não tem mais perigo nenhum, Febrônio estava demente. Você sabe quem foi Febrônio?

⁴ Nome da rua onde está localizado o Manicômio Judiciário Heitor Carrilho, atual Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Heitor Carrilho.

LM – Sei, o Febrônio.

WL - Aquele sujeito que matou.

LM - Índio do Brasil, Febronio não que

WL - Onde era do sujeito que estuprava as crianças e depois matava, estuprava e matava não ficava satisfeito em estuprar.

LM - Os adolescentes.

WL – Não, principalmente infantes, enquanto as jovens meninas ele estuprada e matava. Horrível!

LM - Ele se dizia de uma seita, né Dr. Washington? Tinha umas coisas tatuadas no corpo...

WL – Coisa horrível, agora e depois de um certo tempo ele já não era, mas nada já não era, mas nada era um demente, demente.

AB - E aí transferiram, podia transferir ele para Jacarepaguá?

WL - Depois podia transferir ele para Jacarepaguá E depois ficava...

LM - Eu não sabia disso.

WL - Ficava lá em peça assim fim de vida que eu o era o médico ali quer dizer não tinha nada que fazer.

LM - Isso na década de 60, [19]65?

WL – Foi [19]64.

LM – [19]64 no mesmo ano de [19]64?

AB – Foi para lá direto.

WL – Fiquei lá fazendo essa coisa toda e aí tinha arranjei porque o sujeito me comunicou o Ernesto ??? Ele me chamou porque eu era um sujeito que tinha uma certa experiência psiquiátrica perícia e tal manicômio tumulto de perito de alta classe altíssima classe era o Portela Nunes, Hoirisch era gente de alto nível mais eu não gostava daquilo de jeito nenhum, porque minha filha ser perito sabe que é lugar não é tratar eu lembro bem de um caso, um juiz que um dia que todo um ano em ano tem o uma revisão do caso de cada um deles para ver como é que eles se comportaram e se eles a gente pode atestar a não periculosidade ele ou a diminuição da periculosidade que pode sair vigiado, liberdade vigiada então dois peritos dos melhores fizeram a perícia de um sujeito e sujeito ficou com lá dois anos assim com o comportamento absolutamente ???? absolutamente ajudando cooperando e os nossos peritos

não podendo dizer da sua ??? periculosidade, aí o juiz que parecia que tinha interesse soltá-lo, “não aceito essa perícia e quero uma nomeação de dois outros peritos” aí me nomearam para ser relator e outro como que chama correlator. Aí eu disse assim “concordo plenamente com os peritos que fizeram não tenho nenhuma palavra acrescentar, só tenho a dizer o seguinte que nossa ciência tem um limite que dono da sentença quem dá a sentença é o senhor então senhor juiz você dê a sentença que bem entender mas a minha ciência tem um limite que eu não vou além desse limite não posso declará-lo sem maior periculosidade” ??? Eles fazem as coisas tão bem calculadamente para sair ?? muito difícil tirar alguém da periculosidade porque o são raros que a gente conseguia a gente via que eram situações que eles foram apanhadas não eram bem deles a iniciativa furto do delito aí que lá até que novamente as coisas melhoraram, eu vim para o Engenho de Dentro.

AB - Quando o senhor veio para ser...

LM – [19]96

WL - Mais ou menos...

AB - O cargo de assessor técnico?

WL – É, foi eu fosse eu fiz

LM – Da DINSAM [Divisão Nacional de Saúde Mental].

WL – Da DINSAM.

AB - Então o senhor chegou a ficar uns dez anos lá no?

WL – Não.

AB - No manicômio, não.

WL – Não, eu não argumentava isso não o que os três anos no máximo aquilo para mim era horrível. Aquilo para mim era horrível, horrível, horrível. Eu fiquei na Colônia um período e depois vim para Frei Caneca e depois fui para o Engenho de Dentro de novo lá nós fizemos uma como é que chama isso uma residência uma residência minha filha mais era uma residência assim que tinha enfermeiros, já tava nesse pé de guerra de com toda essa esquemático de não é mais do psiquiatra que sozinha tinha que ter uma equipe era de psicólogos. Vocês são psicólogas?

LM – Não.

WL – Felizmente. Vocês são assistentes sociais?

AB – Não, somos historiadoras (risos)

WL – Ah! Mas melhor ainda, é melhor ainda, mas o psicólogo não sabe, nem que eles estudam não sabem, você pergunta o que é que você estuda ele não sei se a psicologia é familiar a vocês eles não tem lugar eles ficam sem personalidade, sem identidade e é um horror quer dizer, tentando tomar o lugar do médico, eles querem fazer o papel a assistente social querem fazer o papel de tudo menos da enfermeira e isso eles não querem, isso eles não querem. E é um diabo a tratar com ele coisa difícil para conseguir psicólogo. Psicólogo e terrível e depois ignorante não digo todas tem até alguns que se sobressaem, mas a maioria isso. Uma fornada e psicólogos que saiu monte de psicólogo que sai que fazer o que fazer vai tratar de doente não sabe não sabe não por que é até proibir o eles podem sim aconselhamento de pessoas normais a psicologia trata de pessoas normais. Mas não doença, doença não eles não dão psicopatologia eles não sabem como é que vai ser isso então minha eu ?? uns residentes de todos esses profissionais que tinha umas aulas conjuntas e aulas específicas de cada área foi uma maravilha uma maravilha então nós estávamos no melhor da festa que já estavam completando e completamos chegamos a completar o terceiro ano já estava começando aí veio 64 e aí acabou com a gente acabou com a gente

AB - Quer dizer essas a idéia de fazer residência foi quando o senhor era diretor quando o senhor estava na...

WL - Aí acabou, acabou a residência o Paulo Pavão esse menino que hoje é do...

LM - Pedro Ernesto?

WL - Pedro Ernesto. Eu chefe da cadeira de psiquiatria do Pedro Ernesto, ele foi o meu residente e esse camarada me acompanha há anos e 35 anos ??? Ele é meu filho e meu nível espírito atual ??? Muito demais que passa para trás de todo o quanto é jeito que eu não posso brigar não consegui o brigar e não consigo não consigo brigar com impossível brigar com ele não dar o é um sedutor danado, manobra gente manipula a gente faz o diabo, eu não ligo não adianta mais com você não adianta mais ele

AB - Mas aí que a residência o senhor quando voltou lá para o Pedro II o senhor a retomou?

WL – Não.

AB - Tentou a refazer o não

WL – De jeito nenhum.

AB – Não tinha mais com...

WL – Eu fui para o manicômio fui para ?????? acabou aí só veio aparece um negócio para mim foi como se diz a coisa que eu tinha que fazer eu estava com ou vinte anos quase que suficiente para fazer com a aposentadoria para que não vou fazer, mas nada mesmo vou fazer o concurso, concurso para livre docente e que é uma premissa uma condição prévia para fazer o concurso da UERJ e já estava mais ou menos falado no concurso para entrar.

LM - Para que o senhor já tinha uma certa experiência dando cursos desde a década de 40?

WL - É lógico, lógico já,

LM – Docentes, né professor?

WL - Já docente e eu não sabia eu era mais professor do que qualquer outra coisa, a minha quando eu estive trabalhando também um pouco como castigo depois de já muita experiência no pronto-socorro de tenho 18 vezes não tinha nenhum ??? que ficava um e nós discutimos aporte de 11:30, meia-noite começa a discutir era o [Miguel] Chalub que tinha lá, uma porção desses cambada desses que estão por aí o hoje e que foram meus alunos lá dentro do plantão. Pegava a cara vamos ver isso assim, assim, vamos ver como é que era aqueles casos de paralisia histérica, de conversão histérica, de cegueira histérica, nós nunca fizemos nada para essas coisas militar de pregar o dedo vai lá vai, vai ficar lá uma hora e tanto e resolve isso, resolvia negócio minha filha, mas na conversa na conversa eles saía lado da paralisia fazia uns milagres ??? charlatões aí coitados que eles nem sempre são charlatões eles fazem isso sem saber o que tá fazendo. Essas coisas de a sugestão que eles não sabem que eles pensam que a que eles têm demais, além da conta.

AB - Além das que próprio deles na...

WL - Que ir é própria eles.

AB - Quer dizer que então esse momento que o senhor estava ainda antes de pedir a aposentadoria federal da que o senhor pediu a aposentadoria da mais ou menos o que?

WL - 70 e 70 e poucos.

AB - E poucos não é então, chegou a conviver do Centro Psiquiátrico Pedro II com o movimento da reforma psiquiátrica aquele movimento dos bolsistas?

WL – Eu, claro, claro.

AB - Como é que foi isso?

WL - Com o Cláudio coisa que eles fizeram aquelas chamadas comunidades terapêuticas nós mesmo tivemos um trabalho desse gênero um pouco diferente das comunidades terapêuticas mais um trabalho humanização Instituto de Psiquiatria, tinha um prédio lá que era o Instituto de Psiquiatria, uma loucura aquilo, era prédio de dois andares parece até o ??? Mas já existe ela existia não é 12 não, parece que seis andares, então nós fizemos também e aí tinha uma equipe que era o Paulo Pavão, já trabalhava assim fizemos isso também nessa rede nova chamada a humanização provocada aliás por vários por aquele filho de ingleses como é que ele chamava? Escreveu o “*Eu dividido*” eu não fizemos aquelas comunidades na Inglaterra lá da antipsiquiatria do movimento da antipsiquiatria que considerava doenças produto da sociedade e não era produto dele próprio a sociedade que fazia ele doente então tinha que curar a sociedade não doente, um negócio que todo aquele movimento deles que depois veio

para a Itália o [Franco] Basaglia, essa gente e depois veio para cá também veio para cá nós participando sim deles participamos eu sempre com certas restrições desse tipo porque eu achava que eles caíam no excesso do sociologismo então, eu nunca...

AB - O que seria isso?

WL - Eu nunca admitir qualquer ?? da psiquiatria e hoje por exemplo, a psiquiatria se transformou ideologismo tudo é remédio é remédio você da isso eles pensam que ele sabe muito ?? Os laboratórios disseram a eles que a depressão é produto da falta diz serotonina da diminuição da serotonina na sinapse nervosa e então, um remédio em que impeça a destruição dessas serotoninas ou que impeça que ela seja o recaptada para dentro da célula para resolver o problema que se pega diminuir e serotonina ?? tá resolvido, resolvido resolve depressão assim de jeito nenhum de jeito nenhum. Por que? Porque é o conhecimento muito parcial muito pequenininha que os laboratórios tem do metabolismo cerebral e da depressão e jogam para gente como se aquilo fosse tudo. E pior que tem muita gente que acredita que e acha que é ia e aí minha filha quer dizer eles entram naquela situação da pseudo ??? fantástica eles imaginam que verdade passa a acreditar que passam a agir como tal é uma loucura a loucura se já imaginou chegou a medicamento use porque os medicamentos de uma certa utilidade e depois na esquizofrenia, os esquizofrênicos eles... estão diminui o delírio diminuem a alucinação permite que se tome contato com ele por que a doença mental minha filha ela não é doença bioquímica não a bioquímica que ela tem evidentemente ela é um sintoma da doença mental mas não é a causa não é a causa é sintoma porque as especialidades médicas todas minha filha tem uma substancialidade concreta que sustenta sua especialidade o cardiologista ele tem coração e toda aparelho cardiológico vasos e tal o epidemiologista todo o sistema pulmonar respiratório e tal que garante a ele estrutura completa, que da a doença concreta e a psiquiatria, a neurologia também tem o sistema nervoso o que as doenças neurológicas minha filha elas são focias, as doenças psiquiátricas no sistema nervoso são gerais. Então você não tem ela é uma especialidade que tem uma especificidade extraordinariamente vamos dizer singular ela é como dizer uma doença é uma ciência relacional que a psiquiatria é relação é relação o homem se transformou num homem na medida em que ele se relacionou com a sua herança biológica uma herança social e aí ele se relacionou porque o se não tivesse ser??? Não seria homem.

LM – Entendo.

WL - Que ele jamais adquirir ia a coisa que o diferencia do animal que é o ser ele um ser simbólico não porque os animais são seres dos sinais um macaco por exemplo ele pode pegar um copo que tá ali pegar lá e botar lá jogar para abalar uma bananeira para cair uma banana e ele comer, mais se o pau não tiver ali ele não tem apresentar prospecção ele não tem meios não tem generalizar a realidade e abstrair a realidade para que nosso amigo Niemeyer por exemplo, o Oscar ele fez todos os prédios de Brasília aqui na Avenida Atlântica construiu toda aqui ele só sabia que só o sol que ia para cá lá o ventos e o espaço fez pesquisa aqui não preciso ir lá precisava já estar concretamente ligada ele fez aqui montou tudo aqui e mandou para lá isso é como dizia o Marx o pior dos arquitetos é o melhor de qualquer outros animais que sabe repetir as coisas que sabe responder mas que não sabe perguntar o único animal que se a pergunta a somos nós por isso fazer pergunta é mais difícil do que responder.

AB - O que respondeu.

WL - Muito mais difícil a pergunta é mais difícil eu acho que todo trabalho científico começa com uma pergunta que deve terminar com outra então nessa coisa eu na psiquiatria essencialmente diferente as especialidades médicas todas elas algo substancial nós temos o homem inteiro inteirinho que existia nessa existência ele vai fazendo relações com o mundo exterior o físico natural e com as pessoas a sociedade e é da sociedade que vem tudo que ele tem de humano, tudo porque se eu digo que isso aqui é um telefone e tenho uma imagem sonora diz telefone eu sei o que é, não sei dizer como eu sei dizer como é que é na França diferente som completamente diferente como é que na França diferente então essa imagem sonora ela é arbitrária mas o significado é absolutamente igual o significante muda mas o significado não então não é tão arbitrária uma parte do significado é que é arbitrário mas outra e são transforma nós seres humanos em uma coisa extraordinariamente que nos coloca acima do ser natural que é a possibilidade abstrair e generalizar a realidade de onde já está. A gente dá um salto sai natureza passam urbanização organização ganha-se um outro nível de compreensão das coisas a dessa e daí a dificuldade dos meninos aprenderem psiquiatria porque eles ??? acham que querem encontrar uma coisa e começa a achar que a bioquímica a bioquímica o que se então a depressão e você tem porque que você sofreu uma perda substancial você sentiu com sua auto-estima diminuída por qualquer circunstância então no fundo a doença mental é uma relação de você com você está é que a doença mental porque não basta que sujeito diga se é formidável se é ótimo espetacular você não se sentia você fica doente e as doenças vão a tipos de reação chega uma que o máximo dela que é a esquizofrenia a chamada esquizofrênico ele tenta jogar fora de si aquilo que não gosta nele que não suporta conviver e quando ele faz aquilo vem como um *boomerangue* sobre ele começa as vozes o delírio quer dizer você botou isso é que porque você quer saber da minha vida que se que tava fazendo se bem que a verdade.

LM – (risos) Aqui, no caso, se aplica.

AB - Se aplica.

WL – Mas você tá fazendo bem o negócio contra mim e tal quer dizer esse a deformação da realidade dele é porque o doente esquizofrênico ele subjetiva a realidade e objetiva a realidade ele passa a ser um objeto uma subjetivação da realidade tudo que ele, porque, porque se você ver as alucinações que ele tem e entender as alucinações, as alucinações estou dizendo aquilo que não quero ouvir, ele não quer aceitar mesmo você pega na esquizofrenia nessa fase que mais aparece que é na adolescência num momento de se definirem identidades eles o juvenzinhos 17, 18 anos assim eles começam a achar que estão dizendo que ele não é homem que ele é homossexual que a menina é homossexual porque ele ainda não definiu sua posição é a insegurança ele não define sua posição e ele tem medo de ser, não quer ser, ???? mas aquilo vem no ouvido dele, “estão olhando para mim dizendo que eu sou homossexual” esse é o mais comum você pode contra essa por isso que minha filhinha eu entrei nessa parte mais teórico não se porque.

AB - Porque a gente estava justamente falando que o senhor tinha de crítica ao excesso do pessoal do movimento.

LM – Do sociologismo.

AB - De sociologismo de um pessoal da psiquiatria.

WL - O sociologismo.

AB - Tem sociologismo e tem o biologismo.

LM – É.

WL - E tem o psicologismo pior ainda, ainda esse o psicologismo ele nasceu evidentemente depois de [Sigmund] Freud e depois da crise do existencialismo, existencialismo que trouxe a individualização do doente, tanto Freud idealizou, mas o existencialismo e a subjetivação que eles começaram a estudar o sujeito não quero subjetivo do homem tanto um quanto outro e aí mudou o conceito de que doença mental mudou porque é uma das coisas que atrapalhava e atrasaram muito a? Foi a descoberta da paralisia geral da paralisia geral é uma doença de base sífilítica, a sífilis determinante fundamental dela é a sífilis então não é uma doença psicológica o psiquiatria é uma doença neurológica, neurológica porque bacilo da sífilis que ocasiona uma ??? encefalite, ??? encefalite então essa que a paralisia geral que deixa, ficar uma porção de sintomas psicológicos tem todos na paralisia geral se você pegar do início ao fim você tem toda os sintomas da psiquiatria inteirinho, inteirinho, aliás eu tinha a doença mas que psiquiatria chegou a estudar mais materializado que tem mais matérias que a paralisia geral provocou um atraso danado que todo mundo queria agora achar a causa orgânica ??? ficou aquilo vários séculos, uns 100 anos atrás disso evidentemente você procurar uma coisa onde ela não está minha filha.

AB – Não vai achar.

WL - Não vai achar depois a que veio então a doença aí era uma doença física com repercussões sobre razão no momento do racionalismo que dominava o mundo depois de um racionalismo para burguesia já não agüentava, mas racionalidade porque ela já era a maior burguesia já fazia as maiores irracionalidades, ela então caía no irracionalismo e aí nesse momento vem quem o Freud é mais irracionalista de toda porque ele acha que a gente não sabe.

Fita 3 - Lado A

WL – Mais irracional do que o inconsciente, você não tem razão, razão não move, você é determinado conduzido pelo irracional, então, o domínio do racionalismo que foi uma época onde a individualização o indivíduo é que passou a ser o estatuto não era mas o coletivo até o final da guerra, 1945, quando então, o aspecto social mas deixar de participar quando aparecer a antipsiquiatria que mostrava que a sociedade era responsável pela doença mais exageradamente caiu sociologismo absurdo então nós tivemos este período do

individualização da doença que foi muito bom muito bom e ótimo porque aí o lado dos subjetiva e depois veio já tínhamos o biológica já tínhamos o psicológico aí veio sociológico completar aquele mas tem que ser unido e não pode ser separado se separar você vai fazer da parte o todo entendeu? você de transformar a parte em todo não dá não é possível é o que está acontecendo um agora esse movimento todo achando a doença tem que curar e os psicólogos metidos a fazer psicoterapia ????? que acontece o que aconteceu comigo me envolvi emocionalmente uma menina de 14 anos que morava nas laranjeiras ela estava sendo tratada quando chegava na hora da escola e única deve ter acabado de descobrir que ela achava que era a menina tinha levado na escola não ser que estava ligado a coisa muito toda ela não ser que mais uma besteiradas todas que eles inventam e acreditam ? tem que ter paciência está me ensinou muita besteira que quer dizer quer explicar a história após dia do indivíduo eles achava que as guerras eram produtos da agressividade humana tenha paciência até tem limite tem um limite para vocês explicar a guerra, altamente social e político e econômico nunca meu sentimento de agressividade provocar a guerra não é questão e outra besteira dessa ordem e chegou a afirmar onde ele que explicar a história a partir do indivíduo quando ele tinha que explicar o indivíduo a parte da história você que são historiadores devem saber disso. Mas então, veja bem, esta coisa da evolução histórica da psiquiatria fez com que nesse período da individualização da doença que foi um período importante ao conceito da doença era um conceito de regressão ou de em como a que se diz fixação em áreas de desenvolvimento isso mesmo. É ou não é verdade? Aí que veio o outro sociólogo e diz não é conceito de doença mental é daquele que não entra no processo construtivo que é estar fora do processo construtivo a capacidade entrar no processo construtivo e como você sabe que a tecnologia criou um problema seriíssimo de marginalizar com desemprego milhares de pessoas na sociedade hoje não a capacidade de ser botar 1400 sujeitos na rua hoje. Os bancários por exemplo o 50% dos bancários foram postos na rua depois que houve uma mecanização dos bancos que hoje eleição taxistas que melhoraram o muito o número de taxistas porque eles são taxista este compraram táxi com aquele dinheirinho que eles arranjar, estão aí no táxi melhorou o número de taxista mas então minha filhota e veio o sociologista que foi tão, tão mal e tão bom sobre certo aspecto você conciliar sociologismo como uma das determinantes, condicionantes melhor dizendo não determinantes, mas uma das condicionantes do processo psicopatológico tá ótimo agora você achar que ele era a causa da doença mental e aí não vai mesmo não da ela é uma condição faz parte condição para que porque o ser humano ele precisa para se transformar em homem da sociedade porque, se não, ele ficou animal vocês conhecem a história do conflito de ??? foi apanhado ??? de Paris em torno naqueles bosques de Paris que foi levada ao Pinel.

LM - E que [François] Truffaut faz aquele filme, *O garoto selvagem*?

WL – É, O garoto selvagem, uma beleza...

LM - Maravilhoso!

WL - Aquele sujeito o? que era assistente do Pinel pegou ele e ele estava numa gaiola levou ele para casa começou a depois quatro anos ele já sabia fazer as quatro operações comia escolher que já sabia designar o que jatos e já tinha capacidade. Que aí Pinel caiu em si realmente agora Pinel ainda tem um argumento mais ele não pode ser mas ele perdeu 13 anos

no processo evolutivo não pode ser mais um sujeito integrado não pode já perdeu já foi aqueles treze anos mais ao menos que ele perdeu e não pode ser repostado e assim mas eu estava dizendo para vocês antes disso tudo nessa divisão absolutamente impossível da psiquiatria uma só ela não tem biológica ela pode-se fazer uma psiquiatria biológica para pesquisa mas não para a clínica, a clínica não. Que a classificação das doenças mentais hoje ela está baseada na sociologia e ajustadas ao biologismo porque eles acabaram com o indivíduo e eles fizeram uma equipe tratar essa que pessoas têm a função de evitar choques então bota uma equipe dentro lá para não ter choques de operário X empregada porque esse que tem essa função a função como eu digo pastorear as ovelhas desgarradas quer dizer botar as ovelhas nos seus lugares

AB - Tudo certinho no lugar.

WL - Para não ter qualquer possibilidade de choque eles querem harmonia. Tá bom não há como de mas não é bem isso que eu queria dizer a vocês, minha filha quando saí aposentados e foi tentar fazer o curso.

AB - E isso iria vai parar UERJ para buscar UERJ.

WL - Minha filha aí eu tive uma coisa familiar que na hora da inscrição eles não quiseram me inscrever, e não podia me inscrever porque faltava meu atestado ideológico.

LM - Hoje, agora ainda não [19]79 a era a ditadura ainda ah meu deus é.

WL - Minha filha, aí eu chamei Edson.

LM - Aí você lembrou de tudo aquilo de novo já pensou ter que passar?

WL - Chamei o Edson, disse assim: “Edson vamos fazer um projeto e levar para a Câmara dos Deputados para a aniquilar de vez coisa troço com esse instrumento de arbítrio e que tá machucando e sendo uma pedra no caminho de muita gente que quer que evidentemente não quer render-se curvar à sua coluna vertebral e tem que acabar com isso” e lá fomos nós fizemos no meu consultório projeto depois de dois anos e tanto eu lembro que eu tava ainda sendo operado do pulmão quando vieram a mim e disseram assim, “daqui há uma semana tá marcado seu o seu concurso para fazer a livre-docência na primeira prova” um sujeito tão sem-vergonha eu não digo o nome que...

AB – Não precisa dizer não.

WL - Que tava na banca que os me reprovar porque, porque eu tinha 150 títulos que ele tinha mais de 1500, 150 quero vim a que aí tinha um que eu faço questão de mencionar dele ????? “Loyello tem alunos no Brasil inteiro mais que nós todos mais que nós todos e se vocês tentarem reprovar denuncio a banca toda absolutamente irresponsável parcial” ? não teve jeito eles me deixaram passar que vou te contar e meu concurso foi lá essas coisas porque a minha tese foi construída em sete dias assim nada para uma coisa de louco e foi para cheguei lá no momento que se eles quiserem me reprovar me reprovavam não eu gastei dez minutos

esculhambando “todos eles que se curvaram arbítrio usando o instrumento que agora felizmente nós acabamos com ele ficou institucional” o reitor ficou que chegou a cair lágrima dele, eu esculhambei mesmo, “onde é que já se viu vocês não tem condições nem de assumir uma posição na universidade tomar conta da educação e da formação de jovens e vocês estão formando jovens mal formado eles não têm mais princípios não” nossa senhora, nessa hora eles me reprovar porque, porque eu sei o tema da aula durante Dez minutos a eles que hoje é de se reprova, reprova não tem problema na mas eu quero dizer e disse.

AB - Mas não vou ficar entalado.

WL - Não vou ficar calado aí foi conseguimos evidentemente com isso eu entrar para o curso para a universidade e lá na universidade foi chefe do departamento, especialidade médica e cheguei a titular da cadeira durante muitos anos depois quando saí para o diretamente?? Depois o Claude Macieira então aí eu fiquei na escola aí na escola aí quando chegou a 70 anos eles fizessem assim, embora seu safado o senhor está gagá a constituição de exerço que depois de 70 anos os e não pode mais o absurdo você de por exemplo nos EUA na Europa então homem de 70 tantos anos que são aqueles depositários da experiência.

AB - As referências não.

WL – Hoje eu te digo a minha experiência em psiquiatria, poucas pessoas poucas que respeitavam isso por exemplo Portela que tinha uma formação extraordinária e também já está colocada de lado.

AB - Acaba sendo colocado de lado.

WL - Está mesmo está marginalizada lá no Instituto de Psiquiatria já saiu parece.

LM - Esse Portela já não faleceu ainda não Dr. Washington.

WL - Não que faleceu do ministro da justiça quer irmão de mas o Eustáquio está.

LM - Ah! não estou indo confundindo com Nelson Arruda.

WL – Nelson Arruda já é uma figura ele fez uma tese sobre é eletrochoque e se submeteu ao a eletrochoque você ver.

LM - Esse, é.

AB - Nelson.

WL - Aí que ignorância do psiquiatra, negócio terrível tinha um lá Júloi ?? psiquiatra inteligentíssimo conhecia bem o alemão, e o Galote que era namorado da Alice companheira da Nise [da Silveira], fez a palmeira ??? foi ela e a Alice, Alice era namorada do Galote Júlio de Moura dizia assim a burrice humana tem que ser medida por unidade de Gallotti (risos), era mesmo coitada dele e ele não sabia direito alemão então fazia aquelas coisas alemão deu

aula de é de uma repetição assim absolutamente xerox de uma da outra negócio horrível e tinham outros também como este próprio esse que você diz sei pouco.

AB - Nelson Arruda.

WL - Nelson Arruda ele se meteu aprender fenomenologia e não entendia nada não sabia que era fenomenologia e cada um doido cada um maluco, isso que dá dizer assim psiquiatria é meio doido, não em psiquiatria doido não, que antigamente inclusive a conhecimento da psiquiatria ainda era absolutamente mais engatinhando a ciência psiquiátrica não era sem cera nem adolescência não eu sei se ela está não sei capaz de estar, mas é terrível.

LM - Dr. Washington e esclarece uma coisa que.

WL - Esclareço tudo que você quiser.

LM - Mas é que a gente teve um dado que eu não sei talvez já tenha me enganado porque o senhor ficou, consta que em [19]77 o senhor estava no Manicômio Judiciário Heitor Carrilho como perito psiquiátrico.

WL - Eu estive no Manicômio durante seis anos e seis anos?

LM - Certo, mas o período que isso não o que tem o eles quando o senhor teve também.

WL - Pós-Colônia Juliano Moreira.

LM - Pós; então foi na década de 60?

WL - Não, em [19]64.

AB - [19]75.

LM - É.

WL - Depois da Revolução.

AB - Depois da revolução e aí ele ia caminhar deve ser 70 mesmo.

LM - E o período que o senhor teve ligado ao período no manicômio foi esse.

WL - Depois.

LM - Tempo curto que o senhor falou aí uns três ou quatro anos.

WL - Foi, eu fiquei lá.

LM - Está legal.

WL - Mas vocês a história assim minha, é uma história até hoje eu me rebelo dessa coisa que hoje é exemplo o Paulo Pavão, que é meu discípulo querido está fazendo sociologismo dentro naquela porcaria o que ele, ele é pequenininho vocês conhecem.

AB - Não eu não conheço.

WL - Ele desse tamanho bigode assim ???? inteligente professor excepcional professor excepcional grande professor sabe dar aula sabe mas aquele tamanho dele ele ???? não então e tem necessidade assim de namorar, sempre com mulheres lindas, cada uma e faz uma complicação que tem que ser ???? mas ele também não quer concorrência de ninguém ele faz aquele exatamente o que o estado quer agora eles não querem trabalhar e acho ótimo ele pega psicólogos as assistentes sociais que eu acho que formidável a enfermagem e entrega tudo na mão delas transformou que nada que o serviço não só de 32 leitos e transformou em um eu ??? ele deu tudo esse negócio sociológico, já falei isso com ele mas não adianta mais ele tem que vencer negócio que é muito grande ele tem que enfrentar e daquele ??? agora quem sabe as coisas também sabe Chalub ???? essa gente que não são tão burros assim não então ele prefere dar um ???? mas ele até prestou uma homenagem muito meu nome anfiteatro da psiquiatria o meu nome não posso falar mal dele comigo ele fogo. Mas eu acho as coisas foram desvirtuadas de que ficou muito sociológico em função disso que ele não sabe lidar com os colegas, que os colegas se pudera eles ???? públicos sem funcionário público é fácil então ele então, ficou no funcionando com que com as psicólogas coisa assistentes sociais com pessoal da sociologia e psicologia mais da psiquiatria inclusive com a parte biológica. No instituto de psiquiatria da UFRJ só biológica.

AB - Também cai para outro.

WL - Cai para outro, eu sou amigo dele ??? até gosto muito dele ele é bonzinho para ver se tinha esse pessoal todo examinei doutorado os mestrado do estudo examinei todos eles já luta e ? porque é muito danado terrível.

AB - Eu ia propor que hoje a gente desce uma fechada a gente hoje fecha a entrevista.

LM - E continua.

AB - E aí não outra vez o senhor se dispõe a gente começa com a gente.

WL - Que mais vocês querem de mim.

LM - Ih, tem tanta coisa.

Data: 14/02/2001

Fita 3 – Lado B

AB - Entrevista com Dr. Washington, entrevista no dia 14 de fevereiro de 2001, entrevistado por Ana Beatriz Almeida e Laurinda Rosa Maciel, fita três, lado B.

WL – Para dar para vocês.

AB – Está ótimo. Não então, gente vai hoje retomar nossa conversa nosso bate-papo e uma coisa que a gente sentiu que não deu para a gente conversar muito foi sobre os cursos que o senhor fez, então no último encontro o senhor contou a atuação daquela senhora para seu ingresso no Serviço de Doentes Mentais e tal e justamente nesse momento aí em 47, 48 tem referência no seu currículo de um curso de higiene mental e psiquiatria clínica aqueles cursos do DNS [Departamento Nacional de Saúde] e isso é o fato chegou a fazer esses cursos.

WL - Não só fiz, como dei.

AB - E depois deu aula então a gente queria começar esses dois momentos o senhor fazendo curso e depois o senhor dando aula. Era condição fazer o concurso para ingressar no serviço como a que funcionava isso?

WL - Não é não o não é não o não era condição apareceu um curso que eu não tinha resolvi fazer e depois eu era professor

AB - Aí já fez esse curso quando ele teve a chance de fazer em 47

WL - 47 era um curso que era um curso dado pelo pessoal, mas velho em psiquiatria Galote Aduato Botelho, Cincinato Magalhães, como é que ele chamava e outros tantos que tinham lá no hospital que eram grandes homens sem dúvida nenhuma, mas que Júlio de Moura outros tantos mais era um curso assim muito como se diz vamos dizer de cabeça fechada entende?

AB - Como assim

WL - Um curso que não tinha uma visão ampla (TELEFONE TOCA, PAUSA NA GRAVAÇÃO)

AB – Então, senhor está falando sobre curso

WL - o curso era muito dogmático quer dizer a concepção de higiene mental deles era uma concepção muito relacionada com a herança com hereditariedade sabe como não tinha sim uma visão ampla da higiene mental e também a psiquiatria na época era uma psiquiatria essencialmente clássica alemã, eram psiquiatria alemã que era uma psiquiatria na época vocês entendam bem ela era não tinha muito da bioquímica nada disso os remédios que nós tínhamos eram brometo ??? remédios profundas tóxico sedativos não tinha um nada de ver e

as medicações eram medicações tinha a climoterapia eu acho que vocês nunca ouviram falar disso

LM - Já ouviu falar mais não sei muito bem o que se constitui

WL - a climoterapia minha filha era uma mesa de cimento com para com dois buracos ali dois buracos embaixo e dois buracos assim no meio, eles botavam o doente assim amarravam aqui amarravam os pés e amarravam aqui o tronco ficar ali durante certo período amarrado naquele negócio de se mexer isso que era chamado de climoterapia, quando tava agitado, então, você imagina quer dizer nós vemos saber depois com Pinel e não é bem com pinel não com aquele o enfermeiro da ??? que o a mulher agitada gente tem que é melhor que eles prendiam ??? e também tinha aqueles de e momento de banhos ???? O torneiras de que

LM - Sim o Lima Barreto fala isso no livro dele quando ele teve internado lá na Praia Vermelha

WL – Praia Vermelha exatamente lá

LM - São duchas de água fria

WL - Aquela coisa danada a hidroterapia

LM - Hidroterapia

WL - climoterapia aquele que a coisa danada e tinha começou a ter depois de um certo tempo já mais avançado a convulsoterapia que depois passou a se fazer o cardiazol e depois com eletrochoque e tinha a insulinaterapia que é um processo que você levava o individual coma você dava insulina e ele ia consumindo todo açúcar que tinha era levado ao coma você estava em coma durante 3 horas e aí vamos tirar o para atirar e tirava a pressão dele tava baixíssima você para pegar uma veia daquela você precisava ser craque, era um tratamento profundamente arriscado mais desde que se tivesse cuidado aí que tá naquele tempo eles botavam enfermeira constante

LM - O senhor chegou fazer esse tipo de que o tratamento

WL - De fazer isso claro, claro que eu fiz isso com o que fiz eu tava no hospício desde 1943 fim de 42, 43

LM – Certo.

WL - Então eu fiz isso tudo, e fiz mesmo e fiz no Santa Elena no laboratório Santa Elena não tinha outro jeito

LM - Certo tratamento usual era esse

WL - O tratamento usual era esse ainda tinha um quarto forte (TELEFONE TOCA, PAUSA NA GRAVAÇÃO)

AB - A gente está falando do curso senhor tava colocando das práticas que senhor vivenciou

WL - Exatamente a parte da higiene mental era muito ligada assim a herança a hereditariedade, entendeu? queria fazer a higiene mental através da herança que evidentemente que era negócio foi, mas que também era toda ela baseada na psiquiatria clássica na psiquiatria descritivas da psiquiatria em que se não se tinha nenhuma relação assim de causa e efeito era toda ela descritiva era a psiquiatria é pequena Kepleriana que predominantemente

LM - Organicista não é

WL – Organicista

LM - Organicista

WL - Era inteiramente organicista

LM – O senhor acha de Dr. Washington que mesmo sendo ainda década de 40 e início de 51 herança do Juliano Moreira que era

WL - Mas Juliano Moreira

LM – Muito favorável a esse tipo de

WL - Ele foi influente minha filha muito mais na parte administrativa

LM - Administrativa o senhor acha

WL - Os alemães naquela época os psiquiatras falavam o alemão

LM – Sim

WL - Eles liam diretamente liam o Kepler, liam o único sujeito que não sabia ler era o Galote que ele lia e não sabia traduzir direito era burro

LM - O Galote (risos)

WL - O Galote era não fala isso

LM - Não ninguém ouviu

WL - Mas ele não, ele dizia que para se medir? Eram em unidades Galoti (risos)

AB - E isso não já tinha essa perspectiva a essa visão crítica desse ensino que eles estavam lá naquele momento é dizer tendo aquele curso nos senhor tinha expectativa ter alguma coisa diferente não aquilo era o esperado

WL - Não para mim eu não tinha capacidade ainda dia ter uma visão relação eu ajeitava negócio e sabia que era portaria sabia porque tinha que saber era descritivo agora as descrições Keplerianas são lindas, uma minúcia, minha filha espetacular se pegassem o movimento nas teorias eram descritas com perfeição a descrição agora acontece seguinte que aquela descrição se eu mudasse o seu nome para nome dela dava no mesmo porque não tinha individualização era uma coisa genérica

LM – Genérico

WL - servia para todo mundo e você há de convir que não era assim cada doente é um e aquela especificidade individualizada absolutamente você não pode deixar de ter todo mundo olha aquele que diz assim “delírio alucinação” e aí isso ela coisa formal não têm conteúdo quem vai trazer sistema de mudança foi Freud e começo foi final do século XIX demorou tanto tempo porque eles ficaram a psiquiatria organicista não é que ela não trouxe nada, trouxe alguma coisa e agora aquela coisa retornou sobre a forma de bioquímica também está trazendo não tão estúpido, não já perceber que já que é um homem tanto não é mas também temos a bioquímica e temos autenticidade temos a figura dos fisiologia mas não pode botar isso não pode transformar o efeito em caso não pode e nem tomar parte de todo, isso é que é a grande história mas quando chegou em 19 no século XIX no final do século XIX é no final do século XIX apareceu Freud um racionalismo total totalmente racionalista e apareceu a fenomenologia que na psiquiatria foi feita através do existencialismo e existencialismo ????? Sartre aquele pessoal todo que deu um entendimento subjetivista e individualista, mas também era só também só descritivo.

O Freud não o Freud tinha uma relação de causa e efeito, como se fez uma concepção um construtor do aparelho psíquico ID, ego, superego, qual construiu que foi que ele tinha uma relação de causa e efeito que servia para a psicoterapia. O existencialismo não tinha isso mas tinha uma descrição muito bonita, muito perfeita e então ?? analítica existencial que eram mas aí era o individualizante, conceito de experimental deixou de ser aquele preceito que era a doença no cérebro deixou de ser e passou a ser uma regressão a estados anteriores de desenvolvimento emocional então uma parada desse desenvolvimento, fixação no momento do desenvolvimento que era doença, então, o conceito de doença mudou literalmente até que veio a guerra 45, quando terminou a guerra, as coisas o aspecto o social não tinha jeito porque que não tinha jeito porque o desenvolvimento da ótica de toda essa cibernética criou o problema do desemprego também hoje grande problema do mundo e botou muita gente na margem “não precisamos mais de vocês temos quem faça melhor que vocês” sem greve sem pedidos de aumento de nada

LM - E sem dor de cabeça

WL - Sem dor de cabeça aí evidentemente que essa filiação levou a que levou a que a marginalidade crescesse muito e o conceito de doença mental mudou passou a ser um conceito funcional quem não estava no processo produtivo era doente desequilibrado desviado esse conceito, mas estamos lidando com ele agora

LM - Ou seja tinha algum tipo de patologia que estava margem poderia ter

WL - Não sei se tem ou não porque eu acompanho só porque não está no processo o motivo já é doente não sei se assim eu acho que quem não está no processo produtivo tem todas as condições

LM - De possibilidade de vir a ser de tornar-se, mas não necessariamente

WL - Mais quer dizer era a sociedade na sua evolução que promovia a esse processo

AB - Essa marginalização.

WL - e aí já não era mais um profissional que devia tomar conta dessa marginalidade toda e criou-se a equipe psicólogo, enfermeira, sociólogo pedagogo para a equipe que até hoje está aí mandando as coisas e acontece seguinte e psiquiatra hoje se você perceber bem por causa da evolução que teve nesse momento da bioquímica, e fez a paralisação remissão de muitos sintomas permitindo evidentemente que muita gente não quer se contatar e aí entrou uma profissional absolutamente incapaz que foi a psicóloga para fazer psicoterapia e o psicólogo dividiram um homem ??? que bioquímica

AB - Quebrado

WL - Não há psiquiatra minha filha que possa fazer psicoterapia não existe isso então inclusive psicóloga fazia isso e porque não legalmente ela não tem direito ela não pode tratar o doente própria palavra psicologia é ? psicologia é psiquismo normal pode tratar o menino lá da escola que tá meio adaptado trabalhar aconselhamento isso que pode fazer mas tratar de doença não pode porque senão dá bode como deu comigo e pegar um tumor cerebral e já tem tratado um ano com psicólogo que a menina vomitava antes de ir para a escola vomitava antes de ir para a escola por que era a hora que ela almoçava ela almoçava e almoçava e vomitava, vomito é um dos sinais da convulsão cerebral em um todo o quando nós fomos de ela tinha 15 anos ela começou com 14, primeiro dia eu fui lá isso é de tumor cerebral mandamos para o Paulo Niemeyer o Paulo Niemeyer abril e não deu jeito

LM - Que coisa triste

WL - Tem muito disso minha filha muito de um quer dizer não pode psicólogo não pode tratar de doença não pode porque não tem condição

LM - Dr. quem é o público-alvo desse curso que o senhor fez de higiene mental e psiquiatria

WL - Eram médicos

LM - Eram médicos basicamente médicos

WL - Não tinha essa coisa ainda essa mistura compreende que eu acho até razoável assistente social desde que cada um saiba sua posição seu lugar, tenha uma identidade

AB - Mas nesse curso específico era para médicos e quem era que procurava eram médicos de outros estados era um médico e serviços

WL - Não o eram médicos do hospital mesmo era o médico do hospital

AB - Era um médico do hospital

LM - Voltado para o público do hospital

WL - Que grupo mais dominante assim, que era o grupo que dirigia que fazer os cursos eles davam até as apostilas para gente

AB - Eu curso durava o ano todo

WL - Duravam ano inteiro

AB - E aulas todos os dias

WL - Todos os dias

LM - Caramba

AB - E a parte prática era feita lá no laboratório do hospital

WL - Práticas de higiene mental não tem muito não a higiene mental concepção hoje de higiene mental é muito diferente bem não é tão diferente, só que se ampliou ela ganhou novas e novas armas a higiene mental e a higiene mental da sociedade tal e aí a coisa é estreita aliás aquele menino como a que chama que escreveu a história da psiquiatria história da psiquiatria, não é história da higiene mental Liga Brasileira de Higiene Mental e

LM - Jurandir freire

WL - Freire gosto muito dele

AB - E também seguido logo depois de ser curso anos depois o senhor fez o outro curso mais aí isso fez neurologia clínica

WL - Neurologia clínica

AB - Instituto de psiquiatria com professor Costa Rodrigues

WL - Costa Rodrigues mas quando fui para França minha filha Costa Rodrigues, Costa Rodrigues, neurologista muito bom veio de lá muito bom ele eu fiz curso com ele de

neurologia e eu ??? da concepção psiquiátrica e tinha que ter que na França quando foi estudar não existia psiquiatria e existia neuropsiquiatria daí que eu tenho o título de neuro psiquiatra eu sou neuropsiquiatria evidentemente que depois a psiquiatria é tomou toda a neurologia eu quando vem para cá e estudei muito tempo ???? que era um sujeito que um grande homem da neurologia brasileira e achava um gênio, mas que na hora minha filha era

LM - Na hora de que

AB - Na hora de curar

WL - Hoje quem abriu ???? para curar ????? as coisas é vitamina B curar não tratar, doente neurológico era a vitamina B e depois veio o cortisol as inflamações e agora a cirurgia que também ajuda, mas a psiquiatria ela um leque soluções e eu então passei na psiquiatria a neurologia hoje coisa do passado

AB - E é tem uma outra referência do senhor também com o professor Maurício de Medeiros em 72, Temas de psiquiatria social o que que era que era chamado psiquiatria social naquele momento nos anos 50 e falar um pouquinho dele

WL - O Maurício é um homem muito inteligente (TELEFONE TOCA, PAUSA NA GRAVAÇÃO) então como é que eu tava aí o

AB - Está falando do curso Maurício de Medeiros

WL - No horizonte de Medeiros que ele era um homem profundamente inteligente uma capacidade síntese espetacular fora da média e ele dava curso em tudo ele foi professor da escola de biologia da escola de fisiologia um catedrático de tudo e depois ele foi para a psiquiatria da psiquiatria também era muito bom, agora o que é chamada de psiquiatria social era a ação da sociedade das instituições sociais sobre os indivíduos e como também poderia utilizar essas instituições para ajudar a dizer mas era uma forma minha filha psiquiatria social e que acredita da psiquiatria social era uma forma de esconder a participação da sociedade na determinação da doença mental quando 45 eles pegaram mudaram esse esquema todo que certas nos de equipe para ver se encobria mais aí pessoal já estava mais madura principalmente franceses já mais maduro doença mental ela tá muito o social e social interno faz parte internamente do indivíduo e não é uma coisa externa não é uma coisa indireto dos não é uma coisa só assim para que ele periférica ela está assim dentro aí ela ela tem papel determinante na doença mental também a psiquiatria social pode ser uma chantagem mais um e pode ser uma coisa séria mas temos duas vias

AB - Tem um curso de novo falando da área de neurologia e sistema nervoso o curso que isso não fez na a anatomia normal e patológica com Paulo.

WL - Mas isso aí já é outra coisa o Paulo era um homem seríssimo o que tinha um laboratório espetacular no Engenho de Dentro laboratório famoso muito bem montada e que era conhecimento da anatomopatologia porque sífilis aqueles minha filha fez a gente se engajar patologia muitas coisas que já que a gente não achava pesquisava, mas achava mas a gente

tinha que saber anatopatologia. Aqueles casos os rins que tal a gente tem que saber que eu fiz para esse que 6 meses uma coisa sem ter assim, parecia eu fazia

AB - E esses cursos apareciam lá dentro mesmo do hospital

WL - Lá dentro lá dentro do hospital

AB - Como extensão, especialização

WL - Extensão e pessoal podia vir de fora

AB - Podia ver de fora na

LM - Tinha uma preocupação muito grande com a questão da reciclagem profissional não é Dr. o Washington isso uma coisa legal

WL - O Serviço Nacional de Doenças Mentais Na época muito bom apesar do atraso de científico, mas e seria, dentro daquilo que a gente tinha ele era sério agora não,

AB - Sucateado, e gente vai falar só para começar a parte de eu acho que a gente podia falar do estágio em Paris e depois do ensino, senhor começou a falar desse estágio Paris quando a gente perguntou pelo curso do Costa Rodrigues na mas a gente que entender que foi essa ida para esse centro de reabilitação social e psiquiatria lá do hospital

WL - E tinha os amigos lá que eram da psiquiatria que evidentemente a minha relação política e ideológica levou a gente e ministro da quando terminou a guerra o ministro da saúde de lá eram meus amigos um deles até era psiquiatra, ??? vem aqui passar um período com a gente e tal passa lá 2 anos e nós ficamos lá dois anos e o que que era isso trabalhava em ??? sabe o que é porta, lá eram aquelas portas antigas que rodeavam a cidade e eu ia de metro todo dia e depois eu arranjei um carrinho e lá gente fazia as reuniões e tal e era um negócio muito. Por que a gente entrava cedo e saía de noite, era um negócio muito sério. E nós estudávamos muito ??? era já nessa época ele se interessava muito pelo aspecto assim como as relações sociais na doença e na cura, então, o aprendizado nossa, nessa parte que hoje se chama assim comunidade terapêutica, hospital dia essa coisa que faz os doentes trabalhar e tal. Isso lá...

LM - Já era comum

WL - Já era comum

LM - Já era prática

WL - Tanto que um dos primeiros países a fazer assim alguma coisa de ??? foi o ?? eles fizeram todo um serviço de acolhimento e de tratamento ambulatorial para acabar com o hospital de internação, ou pelo menos barrar as internações?? O terceiro ??? e até hoje tem lá tinha psicanalista trabalhando, psicanalista lá

LM – Não é não ??? não

WL – Não ??? é uma coisa assim histórica ainda existe.

LM – Não sei, pois, é, isso que eu estou perguntando.

WL – E que lá foi onde tinha o Freud foi estudar com o

LM – Com Pínel.

WL – Hein?

LM – Com Pínel, não

WL – Não Pínel, não

LM – Não?

WL – Pínel é???

LM – Ah, tá é

WL – Pínel é ??? Foi estudar

LM – A tá na ponta da língua, esqueci também.

WL - Foi estudar negócio de hipnotismo essa coisa como é que ele chama

LM – é tá na ponta da língua

WL – Não, não consegui lembrar

LM – Depois a gente lembra

WL – Se você for se prender você não lembra, mas ele foi para lá e então, foi para enfermaria onde se misturavam os doentes neurológicos com os doentes histéricos, os doentes histéricos faziam aquela coisa toda, eu já falei isso aí.

LM – então, vamos voltar para o hospital lá do ??

WL – Pois é não era um hospital era um serviço.

LM – é um serviço

WL – Principalmente ambulatorial e que tinha assim, hospital dia, hospital noite, tinha uma atividade intensa programada durante 24 h do dia. Aqueles que dormiam; lá dormiam lá'e

iam para casa aquele movimento formidável de um serviço que funciona até hoje, e hoje já não funciona só no ??? funciona no 3º e no 5º começaram a espalhar essa verdadeira organização para evitar as internações demoradas que só serviu para cronificar o doente essa função, por que a função de cura não tinha só serviu para cronificar o doente e isso aí minha filha foi uma coisa vanguardeira, os franceses. Por que quem falou ?? primeiro falaram isso, a psiquiatria social, ??? eles que falaram, mas quem botou na prática foram os franceses. E aí vamos lá.

AB – E a experiência que o senhor teve nesse estágio foi conviver

WL - Nós fizemos inclusive minha filha, a gente ficava durante 8, 10 dias dentro de uma instituição que não era o não era hospital, mas que era uma instituição assim escolar e tal que com enfermarias e tal a gente dormia no refeitório, dormitório a gente entrava lá e ficava lá e fazia todas aquele trabalho e fazia vassoura e fazia todos esses trabalhos a gente fazia e funcionava como se fosse uma ?? como se nós fossemos os doentes, entendeu? Nos fossemos os doentes passando por aquela situação toda sabe. Tinha lá os e a gente então, trabalhava assim, fazendo atividades que hoje se fazem fazendo um pouco, você vê a Níse da Silveira, coitada, ela tanto quis fazer isso aqui hospital dia dela as casas das palmeiras dela é pobre, paupérrima...

Fita 4 - Lado A

WL - Porque ela quis fazer um hospital dia e que foi talvez a primeira experiência foi hospital-dia mais que evidentemente não dá para ser por que não tem recurso não tinha nas protegidas para o médico lá da enfermaria lado do por que ? era o que já o...???

AB - Lembro o nome...

LM - ???, com o exatamente ...

AB – Não sei nome quer dizer que se, 70 senhor ficou em Paris para sua formação foi o contato com essa possibilidade de uma outra psiquiatria.

WL – Outra psiquiatria, uma psiquiatria e de organização desinstitucionalização principalmente psiquiatria e do hospital tido como asilo, da luta contra o asilo hospitalar.

AB - E aí como é que foi voltar para dentro do serviço que estava de licença aí e voltar para a realidade daqui.

WL - Aí começar a fazer aqui.

AB - Como a que o.

WL - Porque já tinha aí era aquele menino Oswaldo que já fazia isso ele fazia na enfermaria dele muito bom por sinal Oswaldo, como que era nome dele Oswaldo, mais era menino formidável, ele já fazia isso e nós fizemos o nosso serviço com Paulo Pavão e tal fizemos a

mesma coisa um pouquinho diferente porque ele acabava fazendo doente ficar muito pegado e tratava doente como uma criança ele não queria mais sair de lá não quando saía voltava. Nós não, tínhamos mais assim mais profissional e tratar o doente como doente não tem esse negócio de criança não, senão você se apegava ao sujeito começa a botar no colo ele nunca saía do...

LM - Colo é bom doutor.

WL - Muito gostoso.

AB - Aí não vai querer sair.

WL - Esse menino que é.

LM - Aldir Blanc é o médico

WL - Psiquiatra.

LM - Aí não sabia...

WL - Excelente e... excelente, excelente pois a sua formação toda na com Engenho de Dentro e teve uma clínica grande ali na ??? muito grande e a clínica dele é agarrada e o Aldir tinha um defeito que pode ser dado como qualidade que ele se agarrava ao doente e dava as calças dele para doente vestir, roupa dava tudo, dava de dinheiro ??? é um pai avô, e amigo, doente não que mais sair então de repente começou a aparecer gente lá 2, 3 horas da manhã na casa dele a bater lá e aí recebia para dormir lá. Não dá para agüentar não dá para agüentar isso é uma coisa aqui vai o excesso

AB - onde fica limite.

WL - Ele foi o excesso e com isso ele que era muito sensível não agüenta.

LM - Não agüenta com certeza.

WL - Não com a eles começou a ser que, tem a praça da bandeira e ele morava aí no Maracanã, ele ia até a Praça da Bandeira aí ficava assim vai não vai, vai não vai para o consultório as vezes ele ia, as vezes ele não ia, telefonava, até que um dia até as três da manhã ele não conseguia a dormir escreveu o livro nunca, mas volto consultório os meus clientes que procurem ajuda de outros médicos e tal porque eu não vou mais e foi **concurso público** com isso que ele quis se afastar de mim porque ele ficou um pouco???? mais eu não me afastei dele por que eu achei que ele não tinha mesmo condições ele tinha formidáveis condições porque ele gostava, eu via como ele gostava mais saía exagerava.

AB - Fazer outra opção não o que é. Isso senhor ta falando dele como falou o senhor que a gente ainda podia então começar por essa parte o senhor como professor qual é a primeira experiência que vem para o senhor.

WL - Minha filha eu acho que.

AB - Foi aquele curso que o senhor que também desde [19]51 dando um curso de puericultura então ele departamento nacional da criança você dava a psicologia neurologia higiene mental e aí foi a primeira experiência do senhor com ensino.

WL - Com professor, não acho que desde que o fiquei assim mais um pouco como médico já lá nas enfermarias eu era professor.

AB - Já era professor prática da enfermaria.

WL - Porque pegava pessoal e pessoal minha vinha a mim o pessoal vinha mim eu te período no plantão no Engenho de Dentro e fora do período da monção era um castigo já era o sujeito de certa formação dar plantão botar um lá no plantão que aconteceu mais de 18 alunos iam para lá de noite para gente estudar.

LM - Que barato!

WL - Aí não tinha nem lugar para dormir eles dormiam uma esteira tal de eles se Chalub era um cara mas ele era o que Chalub tem ?? ele acabou mudou um pouco a cabeça com uma cabeça mais ampla ele era narcisistas nossa senhora ele melhorou a cabecinha dele e outros era 18, confusão foi tanta que quando eles me botaram para fora acharam que eu tava juntando muita gente no plantão só para confundir tal essa coisa perseguição, mas nós não paramos continuamos.

LM – Resistência.

WL – E a gente começava assim, 11 horas, 11 e poucas até 3 horas da manhã madrugada, mas eu gostava já nas enfermarias também esse sujeito falava Roberto quando interessa, ele me disse que ele foi meu aluno quando interessa.

LM - Tinha Jorge Roberto professor.

WL - Jorge Roberto foi presidente da associação internacional de psiquiatria.

LM - Ah, não conheço.

WL - Que ele é hoje assessor técnico no... na organização mundial de saúde, mora em Nova York, morou muito tempo em Genebra, mas ele tem clínica aqui ele tem todo mês aí buscar dinheiro da clínica de eu acho muito extraordinário muito extraordinário ele tem 15.000 títulos quando ele foi meu **francês andar com ele quis** 150 títulos ser professor.

AB - Para que episódios de ou contou que eu Portella entreviu não ^a..

WL - Mas esse rapaz quando interessa ele diz que foi meu aluno eu tinha uma enfermaria a tal tinha muita gente que tinha muita gente eles me cercavam ???? sozinho com doente e ele aprender gostavam e ele quis e laia de se pode vir, mas quem disse que ele vai ia um dia passava 15 dias sem ir ele fazia todo o num trampolim.

AB - Não chegou a ser aluno ser esse grupo que essa enfermaria que senhor fez reverência é que a enfermaria que senhor usava como estudo para seus alunos que era.

WL - Onde trabalhava.

AB - Quando o senhor deu curso higiene, na cadeira de psiquiatria no curso de higiene mental o senhor foi aluno depois professor e... era nessa mesma...

WL - Mesma enfermaria.

AB - Nessa mesma enfermaria e...

WL - A gente dava o curso e aí já não dava só não enfermarias porque tinham salão o teatro e tal a gente isso tudo.

AB - Aí tinha uma parte teórica e que uma parte prática.

WL - E uma parte prática.

AB - E uma parte prática e seus alunos, assim que o senhor destacaria?

WL - E tem uma posição tenha ??? Paulo Pavão, Luiz ?? mas é tão grande o número que os

AB - Não, eu estou falando neste primeiro, os cursos lá no Departamento Nacional de Saúde eram a pessoas de dentro mesmo.

WL - O DNS de psicologia, essas coisas.

AB - De psiquiatria e...

WL - Esse aí minha filha era um curso que eu dava eram anuais.

LM - E higiene mental e psiquiatria clínica.

AB - E higiene mental psiquiatria clínica.

WL - Não esse não esse era no Engenho de Dentro.

AB - Isso no Engenho de Dentro.

WL - Tinham que era de psicologia que era lá no departamento.

AB – Ah, não a gente depois que ela desse a gente não colocou o ...

WL - Esse a gente mental é isso mesmo dava aula, mas ninguém ficou assim agarrada a gente porque era um curso que a gente tava com professor outros professores também davam não era saiu para um grupo de professores que davam curso geral e aí um deles teve na época em que eu fiz a residência lá consegui a residência não sei se vocês têm.

LM - Não esse dado a gente não tem.

WL - Eu fiz uma residência multidisciplinar durante três anos que continuou no quarto ano decidir fazer no terceiro ano nos três anos era o curso que tinha psicólogos, tinha que ter o psiquiatra, tinha a enfermeira e tinha a assistente social, era um curso integrado tinha as aulas específicas para cada uma dessas profissões e tinha as aulas gerais era integração esse curso durou três anos, quando estava terminando o terceiro ano, foi em [19]64.

AB - O senhor chegou a falar sim.

LM – Nós... já chegou a comentar na outra entrevista.

AB - Que era uma das coisas que o senhor destacaria na sua gestão no centro seria residência.

WL - Exatamente, mas aí eles me botaram para fora e o curso ???? a gente foi até o fim consegui se formar uma turma ????? conseguiram sair.

AB - Conseguiram sair e saíram desse curso. Agora gente tenta parar um pouquinho da UERJ, aí veio revolução o senhor ficou o tempo no Manicômio de seu o tempo na Juliano Moreira.

WL - A foi quando me aposentei.

AB – Aposentou.

WL – Apresentado.

AB - A foi para UERJ.

WL – Aí fui para a UERJ e lá chegando eu gostava de dar aula então o Jorge Alberto era titular e não gostava de dar aula.

LM - Jorge Alberto aquele que está OMS?

WL - Ele foi titular de psiquiatria ele foi diretor da escola.

LM - Que o lembra o sobrenome dele para que isso.

WL - Costa e Silva, mas não tem nada a ver com o ...

LM - Não tem nada a ver com o homem... (rs)

WL - Jorge Alberto Costa e Silva, mas olha, ele é um homem importantíssimo, um homem importantíssimo.

AB - Aí como ele não gostava muito de dar aula...

LM - Ele era titular.

AB - Era o titular o senhor foi como professor convidado.

WL - Ele tinha muitas atividades mas que eles achava então eu dava muitas aulas de dava muita aula, era negócio para mim muito gostoso de dar e dava as aulas de todas eu achava que gostava muito era ??? aula geral ???a quando fui chefe quando foi titular eu mudei o esquema eu passei a dar aula com um grupo de dez alunos cada um tomando conta daqueles 10 durante o ano todo então eles ligadas, Chalub é um sujeito que era bom de dar aula ainda dá aula muito bem, tinha Gérson ?? que era um ?? e funcionário público ele dava aula dele e ia embora, Paulo Pavão que sabe dar aula, sabe professor nato, nasceu professor e tinha eu aconteceu seguinte que com esse sistema eu era o homenageado praticamente todo ano a gente se ligava assim, mesmo nas aulas geria eles gostavam muito das minhas aulas gerais o que eu fazia para eles era muito simples se bem que fazia por exemplo diálogo entre Hipócrates e Sócrates um diálogo muito bonito ?? chega Hipócrates chega a “coisa que a minha ciência não tem nada de exata e tudo pode ser com pode não ser se você quer alguma coisa exata da estudar matemática” Hipócrates e aí eles começava uma discussão sobre matemática essa coisa mostrando relação de duas lógicas a lógica formal e a lógica do abstrato, por isso mesmo ela é invalido o símbolo e exata, é a lógica da matemática e lógica de chamada concreto a lógica da realidade lógica do dia-a-dia lógica das coisas que existem essa pode ser ??? já o Heráclito “ninguém atravessa o rio o mesmo Rio duas vezes”

LM - Você não é o mesmo rio não é o mesmo nada é o mesmo.

WL - Que essa é a lógica dialética que a lógica da realidade o rio não pode ser separado da natureza andam juntas para forjar um conhecimento cada vez mais profundo e cada vez mais exato, ???mas esse diálogo é muito bonito eu fazia então e mostrava para eles coisa diálogo a mim intenção era para que eles ficassem modestos não ficassem pretensiosos ninguém sabe nada não a verdade é sempre relativa a verdade absoluta é o conjunto ??? num certo momento mas daqui a pouco já não tem mais o você pega, por exemplo, o livro *Clínica Médica*; três anos depois, ele não serve, não serve para nada já passou para já tudo diferente.

AB - E esse universo de alunos que tava ali com vocês eram alunos que tava fazendo a formação em medicina eram para ? em medicina.

WL - A formação era a graduação.

AB - Para a graduação e o interesse deles a psiquiatria aparecia para eles com interesse com eles faziam porque era obrigatória a

WL - Quando você tinha o

AB - Que puxados.

LM - Do interesse era maior e o

WL - Mas como não quando eram professores que eram funcionários públicos que não davam aula.

AB - Era uma cadeira a mais.

WL - Que eles inclusive o aluno tem muita dificuldade de raciocinar com parte de uma ciência relacional muita dificuldade em eles querem algo concreto eles querem por exemplo, cardiologia então era muito mais fácil você estudar cardiologia do que psiquiatria que se que uma relação negócio que não e eles não davam essa base para os alunos e, as vezes, na sala gerais parava o balão tem que chegar a compreender alguns daqueles que estudaram comigo sim, “não pensem vocês que vocês podem raciocinar do mesmo modo que vocês raciocinam numa cardiologia, numa epidemiologia, que não pode não pode porque não pode psiquiatria não é isso psiquiatria é outra coisa psiquiatria não tem uma coisa concreta para vocês então a existência do homem que vai fazer a sua nessa relação o com o mundo e com a senhor outra pessoas que vai criar seu psiquismo que vai você a condição ser simbólico a condição de ser diferente essência humana que eles estão procurando.

AB - E na UERJ o senhor chegou a ser responsável também por uma equipe de pesquisa e teve patrocínio CNPq a doença mental e clínica a gente achou interessante queria que o senhor falasse um pouquinho sobre os produtos dessa pesquisa que os objetivos de.

WL - Esse negócio de seguinte esse foi uma o momento que nós de fizemos uma pesquisa sobre o crime mostrando que em o criminoso não é aquele que tem um y a mais ou um x a menos que o criminoso é um produto de certas condições sociais e que nem sempre a pobreza não. Que leva mais levar a delinqüência ao crime é problema da educação permissiva e que então o sujeito fica limite é um pólo da vida não tem limites nunca teve limite que e também a diferença entre uma classe altamente capaz de adquirir as coisas e aquela que não tem essa sensação de diferença é que causa fundamentalmente o desejo de ter, esse desejo leva sujeito buscar meios de obter o que não são os meios permissivos pela lei então fazer os delitos e se que foi a nossa conclusão não sei se ela é muito válida.

AB – Aí a metodologia da pesquisa foi contato entrevista com presos e com criminosos.

WL - Nós tínhamos lá no manicômio judiciário que nos deu uma base fácil para pegar aqueles prontuário todos e tal para esse.

AB - E a equipe que trabalhou com senhor de o foi a equipe de bolsistas.

WL - Eram estudantes exatamente de residência.

AB - Residentes.

WL - Lá no Engenho de Dentro nós usamos uma pesquisa também sobre o negócio lobotomia.

LM – Lobotomia.

WL – Vocês não sabem o que é isso.

LM - Não, não sei o que é.

WL – Lobotomia, ganhou o prêmio Nobel com esse tratamento.

LM – Vai ser igual ao ???, daqui a pouco a gente lembra.

WL - Mas ele, e ele foi um sujeito que criou o método de tratamento que era lobotomia ele abria crânio que cortava as fibras que ligavam a parte com cortical, o sujeito ficava meio besta, era muito confortável para o hospital com o estado do doente não rasgava mas não fazia mas ele ficava assim meio ???? que a Níse da Silveira tem um caso eu falei isso para vocês.

AB - É isso você contou.

LM – Da lobotomia.

AB - Que fizeram um paciente dela.

WL - Paciente dela.

AB - O desenho dele.

WL - E aparte essa de cerâmica alguma coisa mais ele esse sujeito lobotomia ganhou o prêmio Nobel de conhecimento e lá no Engenho de Dentro e Cavalcanti fez de 300 local Tobias eu quando era jovem eu fazia antes e depois da era botou minha e depois acompanhava a única coisa que se via foi ter os neuróticos obsessivos tinham realmente de um cérebro limitado, mas o resto ficava abobalhado. ??? que fez os 300 eu acompanhei todas uma pesquisa que eu acompanhei todas quando a Anísio fez na sua casa deu que era uma forma diz que sujeito fica completamente besta.

AB – Não, que a gente chegou ao no concurso esse concurso que o senhor fez para ser livre docente da cadeira de psiquiatria onde o senhor apresentou a tese foi aquele concurso onde Portella lhe defendeu dos títulos.

LM – Então.

AB - Já tinha colocado esse.

WL - Depois da uma briga danada de tantos anos com atestado ideológico um.

AB - De problema do atestado ideológico.

WL - Que nós tiramos um atestado ideológico.

AB – É conseguiu resolver num momento que senhor foi eleito na função de vice-chefe o departamento e depois reeleito para exercer a coordenação da disciplina.

WL - Aí eu era reeleito sempre, por que só aceito se for unânime e era unânime então, eu ficava.

AB - E senhor destacou essa questão de organizar em grupos para os alunos terem a vinculação que.

WL - Resistência por que era mais trabalho, pessoal não gosta da que essa era a maioria não gosta, evidente que alguns até que gostaram, mas a maioria não. O ensino nosso lá faltava dentro de limitações nossas mais pelo menos o meio de levar a coisa ficou muito mais ??? pegava doente um deles examinava doentes depois fazia para todas o que tinha visto que de a gente depois discutia pegava doente você não pode pegar o doente e botar como antigamente na França se fazia botava doente lá na frente, aqui o Brasil também se fez isso.

AB – Não se faz, mas não.

WL – Não.

AB – Nenhum espaço de ensino hoje faz esse tipo de exposição.

WL - Não na enfermaria eles fazem porque precisa.

LM - Mas da psiquiatria não.

AB - Na psiquiatria também, enfermagem gente faz, você leva e um grupo de 3, 4, 5 leva lá, examinar então veio seu estado na enfermaria agora você levar para uma classe de aula não 60, 80 alunos e ter um cara lá na frente começar a se não quer saber nada aliás eu do quiser saber a verdade pergunte.

AB – E no caso essa parte da prática, de enfermarias não é hoje é dentro do hospital Pedro Ernesto ou tem um setor.

WL - Dentro do hospital Pedro Ernesto parte da enfermaria pequenas tem 30 leitos nas tínhamos 80 alunos umas sempre cheias mas acontece que não tínhamos recursos para aumentar e hoje então a coisa também está, mas difícil a parte financeira está terrível porque eles estão fazendo hospital escolas privadas o hospital da Estácio de Sá hospital espetacular

e os grandes nomes assim para saúde foram a inauguração do hospital e eles têm eles precisavam acabar com os hospitais universitários sucatear mesmo ao máximo para deles poderem ser valorizada, é o negócio sério é um trabalho que já vem vindo desde que a revolução e eles gostaram e entraram no poder e ele se impõe.

AB - E tem também um serviço de ambulatórios dentro do Pedro Ernesto ambulatório psiquiátrico também.

WL - Tem muito aliás o nosso trabalho lá foi exatamente aumentar a frequência ambulatorial e diminuir a internação período de internação essa que era nossa política que uma política que já tem desde o pós-guerra.

LM – Desde?

WL – Pós-guerra.

LM – Pós-guerra.

WL - Porque nós percebemos e aprendemos que as internações só servem para ..

LM – Cronificar.

WL - Cristalizar para °...

LM - A respeito de teses de alunos de pós-graduação que senhor orientava.

WL - Orientei e muitas teses pós-graduação a última que eu fiz e com essa menina Ana Cristina a tese dela sobre a doença da síndrome maligna provocada pelos ??? interessantíssimo, só tem 5 teses no mundo inteiro nós conseguimos as 5 teses e fizemos um trabalho muito bom tanto que ela ganhou uma nota máxima com louvor e comunicação a tese dela sem nenhuma correção de.

LM - Que beleza e professor quando o senhor entrou lá não o senhor primeiro ficou lá começou a dar aulas na graduação e depois ficou na pós e na graduação não como é que era.

WL - Nós sempre tentamos e fazíamos.

LM - A duas coisas juntas.

WL - Porque a nossa graduação não é a pós-graduação estrito senso é lato sensu o...

Fita 4 – Lado B

LM - Pós-graduação lato sensu, então,

WL - Nós não temos nem mestrado nem doutorado porque eu não quis isso porque não tinha recursos humanos para você fazer isso você precisa ter dr. Phd, para poder orientar cada phd orienta 3, 4 no máximo pode ser feito e eu não tinha número suficiente de professores graduados assim para isso então nas fizemos a especialização, especialização desde que eu entrei a gente já dava aula a especialização assim de dois anos 2 anos de especialização em que um curso paralelo a residência também é uma forma de pós graduação a residência aqueles que não passavam na residência porque a residência era um número limitado eram cinco alunos eles que não passavam eles iam para especialização até dez alunos então nós tínhamos 15 alunos de pós-graduação.

LM - Pouco não é assim, os alunos na residência.

WL - Não é pouco não há pouco não minha filha.

LM - Mais cinco da psiquiatria.

WL - Na psiquiatria.

LM - Na verdade não pode ser muito.

WL - Não pode botar muito não pode não porque pós graduação minha filha ela consome o mesmo o que ela não o tenha essas artérias não tem essa coisa não era muito ela consome os que o trabalho um desgaste agora Paulo pavão está botando, está botando todo mundo para o????? mas eu minha filha então que mais que vocês estavam dizendo a ...

AB - Isso então falando agora gente podia falar um pouquinho dos congressos que o senhor participou e aí a até o seu falou tanto para gente tema da psiquiatria social ou psiquiatria do homem concreto essa sua e seu texto também foi apresentado num congresso né de psiquiatria brasileiro de psiquiatria em Belo Horizonte e quando o senhor apresentou isso como é que eram de nível das discussões em torno da saúde mental e teve resistência ao tema que se apresentou.

WL - Claro que teve de resistência, claro que teve resistência. Minha filha uma coisa você???? Assim sem resistência só uma coisa ????? Eu sempre fui do questionamento eu sou essencialmente questionamento então não tem o por exemplo eu também foi Espírito Santo no congresso lá também apresentei tema ???? Questionável ????? O mas eu gostava.

AB - Mas conta para gente da briga nesse, em Belo Horizonte quais eram os pontos de que senhor levantava.

WL - Os pontos eram seguintes, minha filha porque eles achavam que psiquiatria social era muito boa, ótima assim que estavam enganados era engodo um engodo que eles põem o título social para não permitir que a sociedade entre como determinante ela entra como uma coisa externa e não interno ao homem quer dizer e aí e esse trabalho.

AB - Agora tinha um ponto para exemplo que esse grupo que defendia a reforma da psiquiatria o pensar o fim manicômio se reduzia o número de internas o tempo tinham pontos que o senhor concordava não é nessa questão.

WL - Tinham pontos que eu concordava, mas de um ponto de que eu não concordava essa reforma que aquele menino.

LM - Paulo Delgado.

WL - Paulo Delgado e o irmão dele.

LM - Pedro Gabriel.

WL - E o Pedro, Pedro Delgado.

LM - Pedro Gabriel Delgado.

WL - Pedro Gabriel Delgado.

LM - Que é coordenador nacional de saúde mental.
(TELEFONE TOCA, PAUSA NA GRAVAÇÃO)

AB - Então a gente estava conversando desse congresso onde o senhor tava psiquiatria social e aí existe eu estava me levantando-se. Os que esse grupo que estava e isso é o concorda o e outros que.

WL - Eles achavam saem por que o social entrava como uma assim uma influência externa eu achava que não que era um movimento interno.

AB - Internos inclusive um dos pontos determinantes da doença mental porque você vê agora por exemplo, com esse conceito de doença mental de que sujeito fora de um processo produtivo é desequilibrado é doido na classificação de doença mental todos os ??? têm lá fora do processo produtivo então de fora do processo produtivo fora da sociedade então a sociedade aí é fundamental eu acho que o conceito funcional infelizmente conceitos ??

AB - E aí está de estava falando dos irmãos do Paulo Delgado, Pedro Gabriel o senhor queria fazer uma observação sobre a lei alguma coisa.

WL - Eles foram ao exagero eles foram aos exageros porque a tese deles é do Basaglia aquele italiano que fez a reforma na Itália e acabou com os hospitais públicos todos que aconteceu os doentes foram todos para os hospitais particulares deu dinheiro para os hospitais particulares não melhorou, eles eram internados do mesmo jeito entendeu que eu disse não se pode fazer uma coisa assim que acabar, nossa tese é de que você tinha que fazer as coisas alternativas o hospital dia.

LM - Paulatinamente.

WL - E na medida que você fosse fazendo isso você tem medo exemplo estão hospitais assim como se diz Engenho de Dentro, lá de São Paulo Juquery, aqueles da Bahia todos os hospitais públicos que são assim de doentes crônicos tem doente lá na colônia de 45 anos como é que você vai soltar um homem desse para não pode não tem nem mais família não tem mais nada não pode soltar você tem que.

AB - A sociabilidade dele para toda desfeita quer dizer não tem como.

WL - Não tem não têm como entrar no meio desse...

LM - A vida dele é o hospital.

WL - Ele não sabe nem mas o que é um botão se ela tem dificuldade de ver esses botões todos que têm por aí e imagina ele não pode tem que ter bom senso você não pode pegar e a sociedade SOSINTRA é uma sociedade de familiares de doentes mentais elas se aproximaram muito de mim por causa disso porque eu fui contra, não a lei em si, porque eu acho que a lei o princípio pela que rege ela é muito bom mas a forma de fazer quer dizer que as medidas são radicais, não pode, você não pode acabar e eles quase chegaram a fazer isso mas depois o bom senso veio disse não pode ????? a colônia por exemplo ficou com aqueles doente todos crônicos lá tem que humanizar a situação deles até que eles morram porque não tem um jeito de tirar eles não têm família, não tem mais nada e não tem condições mesmo de tirar e fizeram hospital, lá de agudas e cuja permanência não pode ficar do que quinze dias 15 e 20, você sabe como é isso mais procurar diminuir a permanência e aumentar o ambulatório e com isso agora hospital dia nós não temos aqui não têm nenhum quis se vai fazer com a mudança dessa sem criar os cursos alternativos não pode aí é um crime você ta fazendo um negócio desse você tem que ter os recursos alternativos já preparados.

LM - E os CAPS professor o que já pensa dessa.

WL - Aquele de São Paulo não é.

LM - Não aqui do Rio também tem Centro de Apoio Psicossocial tem na Ilha tem em Irajá tem alguns lugares do interior.

WL - Eu sei pouco disso minha filha, e sei pouco disse, mas eles não internam.

LM - Não, não internam o não interna não internam não até eles funcionam fazendo mais essa parte ambulatorial mesmo.

WL - Se for assim para ótimo eu acho muito ótimo mas eles têm que ter minha filha tem de permanecer durante uma certa é ????? Para poder liberar as famílias.

LM - Certo.

WL - Você entende filha senão as famílias como é que ficam.

LM - Há uma desestruturação muito grande na rotina.

WL - Da família não pode trabalhar e se não pode trabalhar não tem sustento o negócio muito sério a gente pensa que fácil botar princípios do que justo que muito bom você acabar coisas que tais coisa hospícios com os asilos é muito bom muito bom mas não pode ser de maneira radical, abrupta tem que ser conforme você é fazer uma alternativa você vai acabando com, com que você tem o objetivo ser só pode ser a sem então não concordamos muito e até discutimos as vezes com esse menino Pedro Gabriel um rapaz inteligente mas que é radical, muito radical o uso era radical também eu sou as vezes. (risos)

WL - Mas não nos casos em que o bom senso nos permite não ser radical.

AB - O bom senso limita o radicalismo né e agora gente podia é falar dessas questões mais gerais teve uma vez até que o senhor conversou com a gente falando do seu desagrado pela primeira vez que a gente foi lá, com esses congressos internacionais.

LM - Que o senhor não participou.

AB - O senhor não participa, mas que chegou a ter antes desde desagradada alguns desses congressos que senhor destacaria em Paris que teve da psicoterapia.

WL - Primeiro congresso internacional psiquiatria, onde a Ana Freud de falou e tal ????? Para mim e muito bom era muito jovem, 51.

AB – Experiência.

WL - Eu achei bonito e tudo eu não falei não tinha muito só ouvi achei uma coisa formidável bonito ver os caras falando aquele que é o criador da ?? psiquiatra da psicologia infanto juvenil, Piaget e eu lembro uma de uma frase que ele começou *ser humano é um ser simbólico* ele tinha lá ??? E o pessoal da alta classe da mídia estudiosos que naquele tempo tinha mais tempo... para estudar o hoje.

LM - O tempo passar com mais devagar.

WL - Quantidade de informações contraditórias e tal e que você fica para fazer uma seleção daquilo é um você pega a lista negócio do genoma fica louco o você não vai entender nada não vale é uma loucura é muita coisa e muita coisa que contradiz uma outra o negócio doido e aí que nós naquela época tínhamos um sujeito que eram sabiam as coisas que não tava o omitia gente lógico que???? Isso daí não ta certo essa confusão mesmo não ta certo a gente tem que entrar na confusão para poder sair o certo, a crítica que faz coisa evoluir, então, mas eu fui a alguns congressos que gostei porque eu não tinha ainda a capacidade de vamos dizer depois eu fui até a minha filha, eu fui da associação internacional de psicoterapia.

AB - Esse congresso o senhor tinha de falar.

WL - Que todos, eu ia nesses congressos eu ia...

AB - De sua é a ficou fazendo parte do comitê nessa fundação.

WL - Não da ação e tinha sempre que levar trabalho e lembro que um deles tinha assim o psiquiatria, tem outro que falei sobre a concepção do homem e tem uma porção de trabalho que levei para esses congressos mas eu era ????. Era o pessoal que organizava, até que um dia o Jorge Roberto queria meu lugar “você já ficou muitos anos aí você podia sair” não sai eu “saio para a sabe para quem para Ulisses Viana eu saio dou meu lugar para ele”. (risos)

WL - E é isso aí, vocês não para que essas é não.

AB - Aí desde o ia nesses meses congressos eles tinham o.

WL - Como eu participava eu tinha esse poder essa coisa eu gostava e era um congresso menores, menores congressos internacionais psiquiatria e o que o último que o fui, foi no México em ????. 1971 o lá não deu não deu, mas para continuar, porque eram 600 inscritos 300 e poucos 400 de todos os outros países não dava.

AB - O lobby é muito forte.

WL - Não eram 600 não eram 6000, então quando vinha uma tese qualquer chefe lá do ??? eles quiseram, quiseram não conseguiram tirar a união soviética da associação, evidentemente que eu fui lá para frente, gritei, briguei, chorei, espernee, que era um absurdo, mas na hora de votar eu fiz uma monção inclusive contra aquela decisão também se levantar ??? nem protesto pode ser.

AB - Ficar em ata.

WL - Não fica não que...

LM - Esse senhor tava falando que vieram congressos específicas de psiquiatria.

AB – Internacionais.

LM – Ta, internacionais.

WL - De psicoterapia eu ia.

LM – Certo.

WL - Eu ia porque eu era do ??? e depois eu dei o meu lugar para o e Ulisses Viana o Jorge Roberto queria me tirar de qualquer jeito. (risos)

AB - Mas aí ficou Ulisses Viana, tá certo. A gente tem referência de uma associação psiquiátrica do Rio de Janeiro em 73 o senhor foi membro essa ainda está ativa hoje.

WL - Ainda está muito ativa.

AB - Ela não é ligada à associação brasileira de psiquiatria.

WL - É ligada.

AB – É ligada, é como se fosse a ...

WL - A filial, mas ela é anterior à psiquiatria brasileira ela é a ainda anterior.

AB – O senhor ainda frequenta reuniões? O senhor participa das coisas não?

WL – Por que agora o até que tem para melhor a diretoria, mas a diretoria lar era um sujeito que era meu inimigo pessoal de graça gratuitamente só porque uma vez eu fiz concorrência com eles ?? o era presidente perpetuo. Então hoje em dia nós somos inimigos não você presidente também foi e aí minha filha eles e ele ficou o achava que podia ganhar eu não ganhei não perdi mas ele fiz face a ele a minha votação para muito grande e ele ficou assustada havia a possibilidade ???? voraz, ferrenho aí eu acabei agora, tem não o pessoal que agora mais novo e que ta fazendo uma atividade muito boa muito boa o tem feito o curso, reuniões.

AB - Com reuniões e palestras trazendo pessoas.

WL – Muito, muito e eu nós as temos uma sede essa associação, eu sou fundador dela aliás eu sou.

AB – A sede dela fica onde?

WL - Na Lapa.

AB - Na Lapa.

WL – Mas eu sou da associação não, todas, associação brasileira de ensino fundador da Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro e fundador aí também fala que foi fundador dessa porcaria toda tudo sei associação brasileira também nas tínhamos aqui uma associação nossa Associação Médica AMDF, distrito Federal, eu era secretário gera, o vice-presidente era sempre com aqueles AMDF ela lutava entendeu? Contra São Paulo depois São Paulo se uniu a Minas ??? mudar mais ele quem era Milton Rocha nas aqui trabalhávamos nas presidente do meu tempo foi otorrinolaringologista como é que ele chama era o??? Que nós em São Paulo tinha que pessoal de São Paulo.

AB – Também era forte, juntando, com Belo Horizonte ficou, mas forte ainda.

WL - Muito forte, juntou Minas e São Paulo e conseguiram minha filha retirar nós da sociedade brasileira nós éramos fundadores retirar não colocar essa associação que hoje é representante nossa na sociedade brasileira de medicina que é medicina e cirurgia que é uma sociedade diante que tinha uma política assim, destacado da uma política.

AB - Entrou essa sociedade.

WL - Mais força acabado, mas a nossa associação existe ainda é existe ele existe e de vez enquanto ela também é um berro. (risos)

AB – Faz algum protesto. A eu não que a gente ta mesmo indo, vamos selecionar temas para conversar com o senhor rapidinho um bate-bola assim a questão das instituições privadas como a indústria da loucura, teve um texto que eu li que o senhor coloca isso e aí que senhor falasse um pouco para gente desse ponto.

WL - Designação não a minha, mas eu acho que é capaz de ser a indústria.

LM - É o de um texto se o que nós retiramos o ...

AB - Pode ter usado não é.

WL - Mas eu acho que eu queria mesmo a indústria da loucura porque eles minha filha essas instituições privadas elas fizeram seguinte elas começaram a tirar o dinheiro do serviço público para elas através do que elas começaram a sucatear o serviço público psiquiatria e oferecer uma assistência que era uma assistência primeiro: muito bom nos dizer assim enganosas e muito corrupta, porque? porque ele não dava ????? não dava remédio, dizia que dava, botava o doente para fora dizia e dizia que ele continuava lá o negócio trágico e depois serviu também para corromper muitos jovens estudantes que lá trabalhava e que chegava e esse aí está precisando ter alta já está bom e “não temos nada não está completo precisa ficar aí” um negócio ?? atrapalhando inclusive corrompendo muitos jovens que não podiam fazer nada então, lá para tenha um dinheirinho deles e isso vai negócio que eu achei esse menino, esse rapaz sair da casa de saúde e Eiras ele tinha ele foi ministro da saúde chegou a ministro da saúde.

AB - Leonel.

WL – Brizola.

AB – Miranda, Leonel Miranda não é isso? Leonel Miranda.

WL - Ele foi ministro da saúde no tempo do Médici deu para o Médici um apartamento lá naquela rua naquela, curva lá.

LM – Mundo novo?

WL - Mundo o com não sei ali na curva e lá na Botafogo.

AB - Morro da Viúva, naquele pedacinho ali.

WL - Oswaldo Cruz.

AB - E que tem Oswaldo Cruz.

LM – Isso.

AB – É.

WL – Então.

LM - Rui Barbosa.

WL - Rui Barbosa.

LM - Uma das duas...

WL – Acho que é Rui Barbosa, uma delas sim que faz aquela curva ele deu um apartamento daqueles me parece de 600 metros e conseguiu que, conseguiu retirar da Colônia Juliano Moreira 2000 tantos doentes 2000 e tantos que tinham INPS. Os que não tinha o que os indigentes ele passou para o negócio lá em Paracambi que se sujeito porque ele fez um depósito lá eu fiz um cálculo de quanto ele ganhava aqui na casa de saúde dele e ele tem 1200 que negócio horrível você já viu como é que ela no Eiras; é um prédio de 12 andares minha filha já do o cara lá dentro e fica lá dentro não tem pátio não tem nada é uma coisa horrível ??? Que eles tiram o dinheiro assim corruptamente, enganosamente cobram barato mais e com isso eles foram liquidando com os hospitais e o que está acontecendo agora vai acontecer é liquidar coisa hospitais universitários vocês vão assistir e isso.

LM - Na educação isso já está acontecendo...

WL - Há muito tempo.

LM - E já está acontecendo há muito tempo e infelizmente.

WL - Muito tempo porque eles não as bolsas para escolas particulares e tiram o dinheiro dos colégios públicos.

LM - O público. Essas instituições Dr. Washington, fica tudo assim que a instituição filantrópica então não paga imposto não paga a Hélio Alonso o colégio Hélio Alonso era lá no... é uma instituição filantrópica. Paradoxal que isso seja não dê lucro.

WL - Que eles pegam dinheiro do governo.

LM - É muito triste

WL - A indústria da loucura foi... eu fiz esse trabalho por causa do ???? Porque ele ganhava um absurdo o absurdo é você pegar 1200, mais 1300 manicômios e juntar isso vamos ver quanto é que dá num dia.

AB - E as condições de melhoria nenhuma que...

WL – Nenhuma, para que? Eles não estão preocupados.

AB - Tratamento não.

LM - Terapêutica zero.

WL - Não estão preocupados com isso não estão mesmo e agora dizem que fazem de foi o ????. Das vezes que ele realmente fazia isso eletrochoque porque deu trabalho confusão era para achar que isso que o eletrochoque ficou mal visto.

LM – Ficou o mal visto.

WL - Porque ele foi mal muito utilizado então ele indiscutivelmente que ele tem uma utilização de dentro do limite este ele não é um método de tratamento mais ele é um método de ter emergência se tem um paciente em depressão que não quer comer pode morrer ????? você faz o eletrochoque e ela sai para fazer um com ?? precisa fazer das 1 e eles faziam 10, 12 eles faziam assim, minha filha, em cadeia.

AB – Em série.

WL - Sete faziam como castigo aí o eletrochoque ficou desmoralizado coisa que ele está começando de novo a ganhar uma certa coisa mais dentro da realidade porque a gente viu que ele tem seu aspecto positivo ele não é assim simplesmente um negócio ????. Ele tem não o lado da para a ??? Exemplo vocês tirar doente de uma depressão assim dessas que pode levar à morte ao suicídio ele é formidável dão choque para a para tirar o doente assim do estado ??? que completamente confuso, faz eletrochoque, que ele sai...

AB - E vai para um tratamento, falando a possibilidade.

WL - Quer dizer que ele é um recurso de emergência não é um para tratamento.

AB - De terapia de tratamento e falando já estamos falando de tratamento dessas possibilidades a farmacoterapia o senhor coloca também no texto que o li nos anos 50 aparecimento dessa farmacologia as possibilidades que ela deu.

WL – Melhorias, e hospitais a humanização dos hospitais.

AB - E aí eu queria falar de um ou lado desse também na tinha um lado do excesso tinha um lado de coloca as pessoas completamente dopadas.

WL – Dopado.

AB - Que você fazia criar dependência então que se eu falasse para gente dessa mesma maneira como sempre entre os dois lados da moeda na.

WL - Como se utiliza a coisa é que se coisas podem ser muito boas mas depende do modo como se faz e se você pega o sujeito que não quer ter contato com doente e quer simplesmente que ele não te amole que ele faz ele topa o doente então é muito ????. Nas não gostamos de sentir a nossa ignorância sabe minha filha não gostamos e a sujeito a geralmente sabe lidar, quando não entende o que ele não entende que ele quer se ver livre daquilo?? Que dopa cara vai dormir e o doente se prejudica ele se o cronifica o remédio em excesso também cronifica e agora se ele quer ser tratar o doente e ele reduz o sintoma se pode conversar depende então aí de como ele é utilizado a medicação com... minha filha foi útil ela não cura nada não cura medicação não ela é atinge pois sintomas ela é uma medicação sem tomate e por isso mesmo que ela não cura, sintomática que é o que vai curar quem fez a doença foi ????? e tem cura doenças????

AB – Aí a psicoterapia...

WL - É fundamental, é o fundamental agora tem doentes psicóticos os doentes em confusão e tal que você não pode chegar e você usa medicação com muitos ótimos resultados excelentes resultados você prega delirante alucinado e da ????? Em doses...

Fita 5 - Lado A

WL – Nossa vida em sociedade, sabe.

AB – Em sociedade.

WL – Entendeu? Então é uma questão que aliás não é só isso sobre isso, muitas coisas. Uma coisa muito boa pode ser, mas depende do uso.

LM – Do uso.

WL – Do uso, que se faz.

AB - E aí assim, também nesta perspectiva de ir fechando e tal o senhor falar um pouquinho para a gente o que é o que o senhor consideraria como os princípios básicos para pensar uma política de prevenção de saúde mental de prevenção e uma política mesmo de saúde mental o senhor destacaria o senhor já falou disso para a gente em vários momentos tem que ter um o hospital mas tem que ter o ambulatório tem que ter o hospital dia tentando fazer essas outras aparelhagens, mas que mais você destacaria para gente.

WL - Você tem que ter um todo sistema alternativo para evitar internação prolongada nesse sistema alternativo constituem-se de clubes, de hospital dia de hospital noite e tem gente que pode trabalhar e dia vem de dia e mas não trabalhar e hospital dia serve muito bem para não atrapalhar a família. Porque a família precisa de ter tempo para trabalhar ??? Então esse esquema alternativo tem que ser primeiro feito para depois você começar a liquidar com os

hospitais chamados asilares. Isso é fundamental agora como prevenção, no sentido da palavra, prevenir a doença mental é um negócio meio complicado que é problema de formação de educação e você não tem meios minha filha assim de dar receitas, receita é até perigoso se você diz para uma mãe tem que fazer assim, assim, assim, ela ficava atrapalhadíssima que ela pega naturalidade e aí fica fazendo a artificialmente as coisas prejudica demais a gente. Você sabe que a doença mental ela tem realmente que já dizia o velho Freud ela começa logo no começo da vida começa tá aí de pegar um o esquizofrênico que estoura a doença aos 17, 18 anos ???? mas às vezes não percebe assim quando ele tá com 11 ou dez anos as vezes percebe aí talvez você possa fazer um tratamento vamos dizer precoce mas nenhuma família enxerga isso nenhuma elas fazem olho cego a qualquer coisa que dizer “não tem nada aí, é normal assim mesmo” Então, é muito difícil você dar assim recursos assim que não sejam os assistenciais para evitar o a doença mental porque a doença mental é muito singular, muito singular, muito individualizada. Você dar regras gerais em vez de ajudar atrapalha, receitas gerais atrapalham que as mães ficam coitadas preocupadas em seguir a receita e essa receita esteja errada no caso do menino dela. Só mesmo quando aparece estes doentes que é muito imperativo e tal não consegue aprender na escola não presta atenção aí ele chama um médico e o médico pode ajudar a resolver o problema antes da adolescência pode, pode porque a gente teria recursos capazes de fazer isso, porque a coisa mais ou menos tem uma base a ?? arritmia por exemplo provoca estado hiperatividade o sujeito não presta atenção é dispersivo e tal não consegue aprender não é por que ele seja ???? ele não consegue aprender por que ele não presta atenção. Aí nesses casos que a gente pode com tratamento, mas é difícil porque as famílias não aceitem de modo geral que eles sejam doentes a não ser quando ele chateia muito as famílias

AB - ?????? E tem a questão do genoma só para fechar

WL - Não o negócio do genoma é interessantíssimo

LM – Está no calor aí das descobertas.

WL - Exatamente porque é o seguinte do genoma ano eu acho que é uma coisa muito interessante formidável que eles possam chegar realmente a elucidar o máximo possível desvendar o papel de dar esse é a hereditariedade é muito não pretende e principalmente para psiquiatria "isso aí é hereditário é hereditariedade ???? entendeu e não há nada que fazer o acabou a minha ação", então se você bota pra tua como hereditária acabou a sua ação ??? então existe todo que tá realmente colocando mostrando os limites da hereditariedade as suas possibilidades reais como ela não é fatal, como ela não é absolutamente fatal e como nós somos muito semelhantes aos demais animais muito semelhantes muito mas muito mesmo igual quase igual então o que nos diferencia é uma coisa que não é da hereditariedade biológica que não é ela é uma junção é uma relação das biológica com a junção do social era uma relação relação das mais complicadas porque não tem não tem concreto e relação é relação a é relação é isso que atrapalha o jovens estudantes de medicina que então vêm a psiquiatria e se não há nada não tem nada para pegar aqui não tem nada para pegar não tem a sua relação com paciente é uma relação que você pega. Porque ele minha filha você evita ele ficar a vida por uma relação, ávido e.

LM - O paciente.

WL - O paciente ávido um é com uma relação assim compreensiva que ele seja compreendido o que dele uma sensação de segurança porque senão ?? anos limitar a relação ele te chuta ?? então esse estudo do genoma a meu ver o é uma coisa extraordinária e que pode fazer a psiquiatria avançar desde que ele mostra que as coisas não são como biológicas temos que entrar com aspecto da herança social e senão vai e psiquiatria vai ganhar abrir um canto para psiquiatria.

AB - E agora para fechar de vez mesmo é de uma coisa que a gente vai falar nos já o que falar um pouquinho o que se eu quiser que não outra entrevista gente acabou conversando tanto da vida política também e da participação do senhor nos congressos e tal que uma coisa instituições pelas quais o senhor passou a sua vida e universitária que seu o senhor teve participação de sua teve participação política de sua vivência como homem político começou ali naquele espaço universitário o senhor o foi de grêmios o senhor freqüentam a grupos tinha a atividades.

WL - Minha filha e iniciei a minha atividade na escola quando tava no segundo ano da escola.

LM - No segundo ano.

WL - Da escola de medicina.

AB - Da escola da medicina.

LM - Primário? da de medicina.

WL - Da de medicina, a de medicina medicina foi aí que eu comecei a minha atividade política.

LM - Caramba (risos)

WL - Porque é...

LM - Ou seja com 18 para 19 anos.

WL - Com 18 para 19 anos e fui até hoje °...

LM - Que bom!

WL - Até hoje eu acho que esses acontecimentos que mal julgados e mal interpretados e o que eles chamam de dar derrota do socialismo não tem nada disso não não tem nada disso não a crise que caísse despontando minha filha na mostra que essa derrota ela não é uma derrota em porque o dr ?????? aquele cara que é um dos maiores investidores do mundo é o um dos homens riquíssimos e está altamente preocupado ele participou.

AB - Do Fórum [Econômico Global].

WL - Do Fórum.

LM - Na Suíça.

WL - E ???

LM - Davos, Davos, na Suíça.

WL - Davos, mais ele disse não sujeito não sobrevive não sobreviver mesmo se você colocar todo mundo desempregado quem é que vai comprar a capacidade de produção aumentando a cada dia como é que vai ser porque a capacidade produção ??? quanto, mas robô você põe para fabricar o ????? e o que fica relativamente mais barato mais de você não tem nem para o comer.

AB - A capacidade de consumo vai baixando.

WL - vai baixando o aí o que eles vão fazer com isso tudo o que eles vão fazer é uma contradição do capitalismo sério que já o velho Marx tinha previsto a essas contradições e ele previu a internacionalização financeira como previu, você vai chegar um momento que as finanças não se entendem ????? uma globalização ele tinha previsto e a globalização se eles não fizerem a globalização que atenta às necessidades da população ela não subsiste não só existe eles têm que distribuir a renda tem mas eles não querem não querem distribuir porque o sujeito que está lucrando que cada vez mas é uma loucura é não sei para que que ele quer tanto dinheiro para que não pode fazer não pode carregar na da não pode fazer nada a ..

AB - Não vai levar.

WL - Esse não vai levar a melhor ficar então eu acho minha filha que a minha atividade eu uso ou vocês dizem o participou militante do partido comunista do partido, participei militante do partido comunista até 1953 quando da morte do Stálin que quando morreu Stálin nós tivemos uma grande decepção porque vieram informes de lá da Rússia sobre atividades do Stálin deixou profundamente decepcionados na sabíamos que o socialismo era difícil e que em 1905 já tinha havido a discussão do Trotsky em que o socialismo só podia estar num momento em que todo dinheiro todo produzido força devolvida trabalhador e aqui para isso acontecer era preciso que além do poder político em existisse um poder econômico com base então já sabemos que Lênin falou se “dentro de 50 anos nós não conseguimos o poder econômico” o Trotsky que diz o máximo de 50 anos a gente a poeta mais que se não o então olha disse dentro de 50 anos nós não conseguimos o poder econômico faz-se a Perestroika a Perestroika ia ser feito e com Gorbatchov só o que a meu ver é um sujeito a altamente capaz de e que tava realmente levando a efeito com as primeiras medidas a uma Perestroika e a mas a coisa meio que tava numa social-democracia e nós ele foi traído botar um bêbado lá que o ?????? de a coisa não deu um marco fazer a tal Perestroika e aconteceu que houve um debate hoje e hoje a união soviética a Rússia é uma coisa horrorosa e a máfia nossa como que o

estourou rápida nossa senhora eu tive lá agora ressentido de mas eu tive isso em São Petersburgo foi ano passado.

LM - É o mesmo.

WL - Já tinha estado lá.

LM – Sei, sei, sei.

WL - Muitas vezes e tal um, mas se lá agora teve em minha filha é o negócio é se.

LM - É muito triste nega Dr. o Washington muito triste que aconteceu em (TELEFONE TOCA, PAUSA NA GRAVAÇÃO)

LM - O senhor é um ativista político até hoje.

WL - Até hoje em agora evidente que o antigamente eu ia às portas de fábricas e ??? a rua vendi o jornal e essas coisas mais hoje já não dá mais para mim não dá um eu penso um pouco para ajuda como posso e eu já me afastei do partido comunista e em 1952 mas não deixei ideologicamente de concordar com eles afastei causa do homem é um sistema falível não o partido apesar de ter uma ideologia muito formidável que eu aceito plenamente o que ??? o os homens e eu também sou homem sem também são falhas a gente não pode quem tá no comando das vezes se choca com os outros quando eu me acho que eu saí me afastei mas o que não me desvinculei as coisas ainda que possa ajudar a sem estar mexendo lá naquela coisa ??? eu não a gente tem as coisas assim uma ilusão de curar o mundo se você olhar para você mesmo você nós também somos muito falhas não é para.

LM - De que que é o você acha do PT Dr. Washington.

WL - Do PT.

LM - É do Partido dos Trabalhadores.

WL - Minha filha.

LM - De análises, o senhor poderia.

WL - Eu acho que foi uma tentativa de salvar o aspecto popular o aspecto social mais que também não deu certo não deu certo porque era um saco de gatos PT um saco de gatos têm tudo ali dentro é uma confusão.

LM - Mas o PT, ele vem crescendo, a cada reeleição ele vem...

WL – É, mas à medida que cresce...

LM - É muito paulatina.

WL - À medida que ele cresce...

LM – O senhor acha que se distancia de um projeto?

WL - Se distancia, se distancia.

LM - De um projeto original talvez eu não sei.

WL - Se distancia e o crescimento dele e tem sido feita à custa daqueles que são os aproveitadores sabe que se gente que são aproveitadores que querem agora se o presidente da república através do PT ?? que não tem estrutura e daqueles que foram seus fundadores e a maioria de seus fundadores já saíram de lá e hoje correrão para esse movimento de sem terras que o movimento radicalismo???? onde o tal César Benjamim você sabe que a César Benjamim e... ?????? quando esse para vocês naquele dia

LM - Não que eu não me lembro eu acho que não.

WL - O César Benjamim foi preso com 17 anos menor de idade. ? de Mendonça não era o? namorada dele e ele então foi a um psiquiatra para defender o menino porque os médicos do exército de médicos e psiquiatras do exército deram alta de que ele era de inteligência superior e que tinha capacidade de entender o ?? e que ele é eles mudaram o código militar e que segue com 16 anos que a idade que atinge o máximo de evolução de raciocínio lógico e 16 anos que depois só conhecimentos raciocínio lógico com 16 anos é que a ciência disse e então ele votava com 16 anos então menino tava, a fizeram uma perícia nele incriminar ele vai precisava de um psiquiatra que fossem acabar com isso ele já estava internado em fazendo operação no pulmão e infelizmente o ?? não quis fazer essa situação muito brava muito difícil.

AB – Difícil, não é?

WL - Então a maioria dos psiquiatras próximas da fizeram um???? desde que eu faço as vezes tomo desafios assim muito heróicos mais eu e eu fiz e eu fiz não podendo ter contato com ele porque não se permitia contato com eles e então você fazia uma defesa sem ter contato com ele é muito difícil muito difícil é terrível e a tenham esse o artigo que eu tentei aplicar mas não conseguia que é muito de política e o bem pouco de psiquiatria e psiquiatria forense muito de política história, muito história e pouco de psiquiatria forense onde o faz análise o da tese da perícia dos dois arraso, arraso no começo ao fim liquidei, sabe acabei mesma só com as informações da família dele e do pai e da mãe e o pai dele era militar também e aí conseguimos ?????? conseguimos tirar ele da cadeia e o quando tirou ele da cadeia minha filha e tempo do Geisel e o já Geisel disse assim olha eu para soltar mais eu não garanto a vida dele por um minuto então vou propor um propor a mãe dele ??? e ele leva o passaporte para 8 dias de validade e depois mandava ele para onde ele quisesse e ele que já tinha um irmão dele ??? lá na Suécia foi para a Suécia e ficou lá em ficou lá até virei a anistia e hoje ele é ele foi fundador do PT e o e hoje ele é um dos MNST é o radicalismo desgraçado

e um inimigo terrível mas o se asinhas eu não consegui e conhecer ele se não depois que ele voltou da Suécia e.

LM – Nossa! Já na depois da ditadura.

WL - Depois da anistia. E só aí que o conheceram Cézinha [César Benjamin].

LM - Deve ter sido encontro curioso na.

AB - Eu ficaria milênios é que conversando com o senhor, mas cada vez tem mais histórias mas é agora a gente agora o vamos fechar e contato da gente a gente tem depois.

WL - Se precisava vocês vêm.

AB - E mais uma vez agradecer o senhor a disponibilidade.

WL - Eu vou arranjar um livro para era essa menina.

LM - Ta.

AB - Agradecer muito.

LM - E que que o senhor achou.

WL - Dessa coisa para um.

LM – É.

WL - Olha vou te contar o Walter o

LM - Que Walter?

AB - Aquele rapaz que fez o filme com ele.

LM – Sim, sim, sim.

WL - Esse rapaz o você pode ter contato com ele através da filha do Paulo Pavão a filha do Paulo Pavão e ela tem um contato estreitíssimo com ele a Bárbara ela psicóloga e então a Barbarazinha em que eu conheço muito desde que nasceu em um eu era o padrinho de casamento do Paulo Pavão ela tenha contato estreito com ele foi através dela que ele veio aqui e mas ele fez um trabalho muito mais profundo do que o que vocês estão fazendo mas muito mas.

AB - Profundo em que sentido.

WL - Muito mais tempo, mas vezes ele pegou a todos os meus retratos no filmava...

LM – É, mas...

AB – O objetivo dele era montar um vídeo agente o objetivo da gente era ter uma parte a trajetória de contar partes da de sua trajetória.

WL - Minha trajetória, nela vocês vão aprender muita coisa.

AB - É a gente junta uma é de ele e ele dá para.

LM - Obrigada Dr. Washington.

AB – Obrigada.